



28 de Julho
1923

Ilustração Portuguesa

2.^a SÉRIE
N.º 910

ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA

Edição semanal do jornal «O SÉCULO»
Redacção, administração e oficinas
RUA DO SÉCULO, 49 — LISBOA
Numero avulso, 1\$00 (um escudo)

Propriedade da 'SOCIEDADE' NACIONAL
DE TIPOGRAFIA

Editor — ANTONIO MARIA LOPEZ

ASSINATURAS

PORTUGAL, ILHAS ADJACENTES E HES-
PANHA: Trimestre 13\$00. Semest. 26\$00
ANO 52\$00 — COLONIAS PORTUGUEZAS:
Semestre 28\$50. Ano 57\$00. — ESTRAN-
GEIRO: Semestre 36\$00. Ano 72\$00.

AGUA, CREME E PÓ D'ARROZ Rainha da Hungria

Para a Beleza e Higiene da pelle, dando-lhe um avelludado e frescura incomparavel.
Não é untoso. As senhoras que o usam tem uma pelle ideal

TONICO VILDIZIENNE

O tesouro dos cabellos

Faz crescer os cabellos
Cura a caspa, a canice, a calvicie e todas as doenças de couro cabelludo em todas as idades
e em todos os casos.

TINTURA VILDIZIENNE

Instantanea. A melhor e a mais rapida do mundo.

Depilatorio Vildizienne

O unico de resultados surpreendentes, garantidos e rapidos.

Depilatorio electrico radical e inofensivo

O unico que tira progressivamente os pellos para sempre, o melhor do mundo.
Resposta, mediante estampilha, á

Academia Scientifica de Beleza

DIRECTORA — MADAME CAMPOS

AVENIDA, 23

Teletone 3614-N.

Maquinas de escrever

Pegam orçamentos para as reparações das vossas maquinas de escrever, calcular e registadores á casa F. CORREIA DOS SANTOS, LTD., RUA Nova do Aimaia, 109, 1.º, Tel. C. 5593, que as executa aos melhores preços, perfeição e rapidez.

Alfaiataria

“Centro da Moda”

Para homens e senhoras
Completo sortido de fazendas nacionaes e estrangeiras, o que ha de mais chic. Tambem se fazem fatos a feitio.

MANOEL P. FERREIRA

Rua Augusta, 141-1.º

Instituto Nacional de Ensino por correspondencia

Pegam os prospectos que se remetem gratuitamente com todos os esclarecimentos para a matricula nos cursos de Escrição Comercial e Contabilidade.

Matricula em qualquer dia do ano. Resultados muito superiores aos que se podem obter do ensino oral.

O Instituto Nacional de Ensino por Correspondencia tem alunos em todo o continente, ilhas, colonias, Brazil, E. U. da America e outros paizes.

L. Trindade Coelho, 6
LISBOA

Dr. Bengue, 47, Rue Blanche, PARIS.



Venda em todas as Pharmacias

TODOS

OS

“SPORTS”



As primeiras provas do Campeonato Nacional de Atletismo, disputadas no passado domingo, no campo do Stadium — e no decorrer das quais se melhoraram alguns dos tempos ultimamente obtidos — tiveram os seguintes resultados:

100 metros — 1.^a eliminatória: 1.º Gentil dos Santos, C. I. F., em 11" $\frac{1}{2}$; 2.º Adelino Barata, S. C. P., 7.^a eliminatória: 1.º Apio de Almeida, S. C. P., em 11" $\frac{1}{2}$; 2.º Ayala Monteiro, C. I. F., 3.^a eliminatória: 1.º José Queiroz, C. I. F., em 12" $\frac{2}{3}$, 2.º Dr. Salazar Carreira, S. C. P.

Lançamento de peso — 1.º Julio Montalvão, C. I. F., com 8^m,52; 2.º Rebelo da Silva, S. C. P., com 8^m,25; 3.º José do Vale e Silva, S. C. P., com 8^m,21.

400 metros — 1.^a eliminatória: 1.º Gentil dos Santos, C. I. F., em 55"; 2.º Abilio do Nascimento, S. C. P. 2.^a eliminatória: 1.º Antero Varejão, C. I. F. em 58"; 2.º Alberto Freitas, S. C. P.

Gentil dos Santos conseguiu mais um triunfo para a sua magnífica carreira de corredor, batendo o *record* de Portugal, que estava em 55" $\frac{3}{4}$.

300 metros (équipes) — 1.º Vendedores de Jorrais Foot-Ball Club; 2.º Sporting Club de Portugal; 3.º Grupo Sport Cruz Quebrada. A classificação individual foi: 1.º Domingos Jorge (V. J. F. C.), em 9" 31"; 2.º Manuel Paiva (V. J. F. C.); 3.º Cecilio Costa (S. C. P.); 4.º Idalino Peixoto (V. J. F. C.); 5.º Aurelio dos Santos (V. J. F. C.); 6.º José Sousa Dias (S. C. P.); 7.º Carlos Brandão (S. C. P.); 8.º Humberto Ferreira (G. S. C. Q.); 9.º Antonio Magalhães (G. S. C. Q.); 10.º Abilio Carvalho (S. C. P.); 11.º Manuel Branco (G. S. C. Q.).

Domingos Jorge bateu o *record* de Portugal, que estava em 9" 35" $\frac{3}{4}$.

100 metros (final) — Gentil dos Santos, C. I. F., em 11"; 2.º Apio de Almeida, S. C. P.; 3.º Ayala Monteiro, C. I. F.; 4.º Salazar Carreira, S. C. P.;

5.º José Queiroz, C. I. F.; 6.º Adelino Barata, S. C. P.; **800 metros** — 1.º José Manarte, V. J. F. C., em 2' 9" $\frac{1}{2}$; 2.º Abilio Nascimento, S. C. P.; 3.º Antonio Nunes V. J. C.

Lançamento do martelo — 1.º Alberto Figueiredo, S. C. P., com 23^m, 50; 2.º José Valadas, S. C. P., com 2^m,03; 3.º Fortunato Levy, S. C. P., com 21^m,75.

Salto em altura, sem corrida — 1.º Julio Montalvão, C. I. F., 1^m,40; 2.º João Crespo, S. C. P., 1^m,37; 3.º Sobral Dias, C. I. F., 1^m,30.

4x100 estafetas — 1.º Club Internacional de Foot Ball. O segundo lugar está dependente da deliberação do júri, pelo protesto do G. S. C. Q. contra uma infração, que afirma ter sido praticada pela *eq. i. p.* do S. C. P.

A *équipe* vencedora, constituída por Ayala Monteiro Horacio Costa, José Queiroz e Gentil dos Santos, bateu o *record* — 47" — efectuando a prova em 46" $\frac{1}{2}$.

Salto em comprimento com corrida — 1.º Apio de Almeida, S. C. P., 6^m,53; 2.º Jaime Gonçalves, S. C. P., com 5^m,77; Fernando Amado, S. C. P., com 5^m,54.

Apio de Almeida bateu o *record* de Portugal que estava em 6^m,47.

Lançamento de granada — 1.º Agripino Teixeira, C. I. F., 56^m,01; 2.º Monteiro Libório, S. C. P., 53^m,75; 3.º Jaime Gonçalves, S. C. P., 51^m,96.

400 metros (final) — 1.º Gentil dos Santos, C. I. F., em 55" $\frac{1}{2}$; 2.º Abilio Nascimento, S. C. P.; Antero Varejão, C. I. F.; 4.º Alberto Freitas, S. C. P.

Gentil conseguiu, como na eliminatória desta prova, tornar a bater o *record* de Portugal, desta vez, por uma diferença de $\frac{1}{2}$.

500 metros — Antonio Pinto, V. J. F. C., em 16' 39"; 2.º Domingos Jorge, V. J. F. C.; 3.º Cecilio Costa, S. C. P.; Idalino Peixoto, V. J. F. C.

A disputa das restantes provas do Campeonato Nacional de Atletismo effectua-se, amanhã no Stadium.

D. C.



A «Taça Patria», ganha pelo Hockey Club de Portugal no torneio de «football» organizado por esse club

Silva Poetica

Alva Mística

Eu me ausento de vós, egrégio altar,
Prenhe das verdes folhas da ventura,
Onde em noites festivas de luar,
Sonhei contigo, oh! célica figura.

Adeus, manto cristal, — santa brancura,
Em que banhei a luz do meu olhar,
Serás tu berço ou negra sepultura,
Onde o meu pensamento irá pousar?

Vivi horas de sonho em tuas águas,
Sem recordar sequer as minhas máguas,
Que meu peito sopeiam num tropél.

Mas, agora, tão longe e tão distante,
Sinto o meu coração agonisante,
Vertendo, gota a gota, negro fel!

(Do livro em preparação, *Cantos Matinais*.)

A. DE MOURA VITÓRIA.

Resignação

Que adorável sorriso tu desprendes
da bôca pequenina. E, vê, receio
a graça desse riso e o seu enleio
de que não sei fugir. A ti me prendes.

Se vou p'ra to dizer... tu te defendes,
fingindo que não vês meu vivo anseio
e tanto mais ainda p'ra teu seio
me atraes intensamente e não o entendes...

Jurar-te quanto sinto em confissão?
Mas, recuo, a tremer; teu coração
Talvez descrese... Então, luto, indeciso.

E nunca to direi, fica segura,
pois tenho assim ao menos a ventura
da vida que me dás no teu sorriso.

EURICO NEVES.

Um beijo só...

Pedes-me um beijo e eu não to posso dar...
Não vês que sou ainda tam novinha?!
Depois um beijo mancha, vae, caminha...
E vem um dia... deixas-me a chorar!

Não é, querido bem, por não te amar,
— O amôr, depressa, assim é que defi-nha,—
Que o meu desejo, que a vontade minha,
Era, apertar-te a mim, de te beijar!

Pedes-me um beijo só,—que um beijo é nada,—
Nos meus olhos, que dizes tu, de fada,
Um beijo nos meus olhos de veludo!

Sim, tens razão, um beijo é nada, é pouco,
Mas lá desperta em nós desejo louco,
E esse desejo... é que depois é tudo!

ANTONIO CANDIDO FERREIRA

CALENDRARIO DA SEMANA

Julho—31 dias

- 29—Domingo—Sta. Serafina.
30—Segunda feira—S. Rufino.
31—Terça feira—S. Inacio de Lolola.

Agosto—31 dias

- 1—Quarta feira—S. Pedro.
2—Quinta feira—S. Afonso Ligorio
3—Sexta feira—Invenção de S. Estevão.
4—Sabado—S. Domingos de Gusmão.

COMO VESTIR

Alguem me faz notar numa espirituosa carta, não ser bastante aconsellar as senhoras a vestir bem, mas ser tambem preciso explicar-lhes o que tem a fazer para alcançar esse fim. Termina essa pessoa pedindo-me que diga algumas palavras sobre o assunto, mas que me dirija com especialidade a quem tenho pouco dinheiro, porque só assim a minha opinião a poderia interessar.

Confesso que não me sinto com forças para representar o papel de Petronio—arbitro das elegancias—; o mais que me atreverei a fazer é expor, sem sombra de dogmatismo, um certo numero de modos de ver, muito meus, a que chamaremos—para lhes chamar qualquer coisa:

Mandamentos da mulher que, tendo pouco dinheiro, aspira a vestir bem.

1.º—Ver quanto dinheiro seu ou da familia pôde ser empregado em fato.

2.º—Dividi-lo em varias partes, um tanto para vestidos, outra tanto para chapéus, etc.

3.º—Decidir antes de comprar qualquer vestido quaes as cores que melhor ficam; depois dessa decisão tomada, não se deixar arrastar por questões da moda.

E preferivel não pertencer ao ultimo figurino, mas vestir de modo a fazer realçar a beleza propria.

4.º—Disponer de um dia para percorrer detidamente as ruas da cidade, procurando quaes as lojas que aliam a economia ao bom gosto.

5.º—Comprar uma fazenda peor mas levá-la a uma boa modista, que lhe dê um corte elegante.

6.º—Comprar em primeiro lugar o artigo mais importante—casaco ou vestido, reunindo-lhe em volta os accessorios: chapéu, sapatos, etc.

7.º—Planejar e comprar os artigos segundo as necessidades da posição social que se occupa.

Indo-se pouco a bailes, porque fazer vestidos só proprios para esse efeito? A primeira vista parece tolice aventar essa ideia, mas tenho conhecido casos ainda mais extravagantes... Quantas senhoras não tendo automovel nem occasião de andar nele, adquirem casacos e veus para esse fim!

8.º—Ver figurinos, indagar tudo quanto se diz respeitante a modas, sair a examinar mont as elegantes, antes de fazer qualquer compra importante: em artigo de vestuario.

9.º—Não se deixar prender por caprichos.

10.º—Escolher sempre fatos proprios da sua idade.

Ao reter os mandamentos que aqui deixo escriptos tive de reconhecer tristemente que nada disso ensina a vestir bem — na aceção completa do termo.

Ha muita gente que sabe servir de cabule aos fatos, porém muito pouca que os saiba vestir. Mas essa sciencia não se ensina. E' um dom que nasce com a pessoa e em que reside todo o encanto da apresentação.

Termino, pois, por declarar peserosa que

não faça desvanecer a censura de quem me escreve: sei aconsellar às senhoras que se vistam bem e dar-lhes as razões porque o devem fazer, mas não sei explicar-lhes o que tem a fazer para isso. Mais uma vez se prova que é tão facil dar conselhos...



DE RASPÃO

Sim, minhas senhoras, é lavando a loiça que se tem mãos bonitas. Pelo menos assim nos diz um professor americano. Afirma ele que é a unica maneira de ter dedo afusados e rosados.

Seria uma revolução nos nossos costumes se seguissemos o conselho; porém tenho um palpite que muito poucas senhoras o porão em pratica.

Quanto a mim, não sei bem porque razão, canta-me no pensamento um dito popular:

A palavras ócas, orelhas moucas...

PENSAMENTOS

Não deixemos a jangada da amizade naufragar no redomoinho da colera.

Tirwalluar.

A lampada da verdade é a luz dos sabios.

Tirwalluar.

O doutor é a porta do Templo da Sabedoria.

Tennyson.

MENUS DA SEMANA

Domingo

Almoço

Isas com arroz
Bacalhau cozido
com batatas
Cacau

Jantar

Purê de batatas
com feijão verde
Pastéis de massa tenra
com arroz
Carneiro assado
com batatas
Pudim de leite
com doce de fructa

Terça feira

Almoço

Mãos de vitela
à la vindalgreite
Salada russa
Cacau

Jantar

Purê de feijão
encarnado
com torresmos
Linguados fritos
em manteiga
Molejus de vitela
com cogumelos
Pastéis de nata

Segunda feira

Almoço

Filetas de linguado
com molho de tomate
Camapes de bifés
Café ou chá

Jantar

Purê de cenouras,
nabos e batatas
Pastéis de massa tenra
e arroz
Lombo falso
Pudim de claras
com ovos moles

Sexta feira

Almoço

Carnes frias
Ovos mexidos
Café ou chá

Jantar

Purê de nabos
Sólio à jardineira
Bifes picados
à la crème
Pudim de pão

Quinta feira

Almoço

Fattas de presunto
com molho de manteiga
Pombos com repolho
Cacau

Jantar

Sopa d'ovos esmagados
Filetes de pescada
com molho picante
Peito de vitela
com feijão verde
Fattas douradas

Quarta feira

Almoço

Sardinhas grelhadas
com couve-flor
e permesado
Ovos cozidos
com pimentos
Chá ou café

Jantar

Sopa de pão
Carneiro à jardineira
Rosbif
Padim de maçã

Sabado

Almoço

Arroz de passarinhos
Alcachofras recheadas
Cacau

Jantar

Sopa de clemetjana
Rim de carneiro
salteados com salada
de alface
Coelho guisado
com feijão verde
Ovos queimados

Encerramento do ano escolar na Casa Pia de Lisboa



Provas físicas de educação física presta-las pelas alunas, no dia 19, por ocasião do encerramento do ano escolar e inauguração da exposição de trabalhos dos mesmos alunos, festa em que se fizeram representar o governo, autoridades civis e militares, etc.

CASAMENTO ELEGANTE



A sr.^a D. Irene Farto Lopes Martins e o sr. Joaquim José Martins saindo da igreja de Santa Isabel onde se realizou, no dia 19 do corrente, o seu casamento

MORTOS DA GRANDE GUERRA



Padrão de homenagem do concelho de Vagos aos seus mortos na Grande Guerra, solenemente inaugurado naquela vila, no dia 20 de maio último

“O cambio... do Marcos”

no

Teatro Politeama



SABEMOS muito bem o que os senhores desejariam: era que disséssemos bem d'*O Cambio... do Marcos*, para nos acusarem de parciais, sabidas, como são, as nossas simpatias pelo adaptador Tomaz Colaço e a nossa amizade e admiração por seus pais, o ilustre caricaturista Jorge Colaço e a insigne poetisa D.

Branca de Gonta Colaço. Pois vamos fazer-lhes a vontade, porque, como dizia um sabio, lente da Escola Politecnica, do nosso tempo de estudante, «a justiça é igual para todos e os favores são para os amigos.»

Um pateta francês, cujo nome não vem para o caso, escreveu uma comedia em 3 actos, que julgou muito espirituosa e a que deu o titulo *At ut coeur*, como quem diz, em português, *Trunfo copas*, mas visto que a palavra *coeur* significa tambem *coração*, com um duplo sentido intraduzivel; vai d'aí o nosso Tomaz Colaço, cujo engenho ficou exuberantemente demonstrado na tradução da *Phiphi*, com Tito Arantes, aproveitou o tambem duplo sentido de *marcos*—nome proprio ou substantivo comum no plural—e mandou para o cartaz o engraçadíssimo trocadilho, perante o qual a população de Lisboa se tem quedado, a rir desalmadamente.

Depois, apederou-se das personagens do *Atout coeur*, transportou-as para a nossa terra, apotuguesou-as, meteu duas d'elas nas rosadas peles de Ester Leão e de Maria Mesquita e outras nas peles tostadas de Gil Ferreira, Robles Monteiro e Raul de Carvalho, deu-lhes corda e fez tres actos que se parecem tanto com o original francês como nós nos parecemos com o Chaby.

Porque não traduziu ele, simplesmente, inteligentemente e fielmente? Por muitos motivos, todos de aceitar. Primeiro, porque—como já demos a entender, os francêses estão atrazadissimos no genero e precisam de quem de vez em quando lhes dê uma lição de bôa pilheria; depois, porque os dicionarios são muito difíceis e não ha que fiar n'eles; depois ainda, porque as autorisações para traduzir custam ás emprezas uma respeitavel soma de francos, emquanto que uma adaptação se faz sem a mais pequena despeza; finalmente, porque o adaptador fica sendo considerado com o meio autor, o que lhe dá certa e merecida importancia literaria na roda das pessoas das suas relações.

Fês bem, Tomaz Colaço? — Fês — afirmamolo desassombradamente. *O cambio... do Marcos* representa uma bela tentativa de regresso ás ingenuas larachas do tempo da Maria Cachucha, ao calemburgo de Duarte de Sá.— *Como assim? Coma assim, ou d'ou'ra maneira* .. o desconhecimento, honrosissimo para o adaptador, dos enfadonhos misterios da astronomia (Saturno, para uma das personagens, é uma estrela) o desejo, tambem muito louvavel, de elevar as cidades provincianas á categoria dos grandes centros. (Outra personagem arrebanha as amantes entre as pobres costureiras de Vizeu)...

E fês bem a companhia do Politeama, em representar a referida peça? Fês sim, tambem o afirmamos francamente. Pretendeu ela provar, e conseguiu-o em absoluto, que se pode levar á cena qualquer obra, por difícil que seja, com meia duzia de ensaios, gaguejada, amarrada ao porto, com tanto que o scenario seja cuidado e rigoroso, como o são todos aqueles em que intervem a ilustre atriz Amelia Rey Colaço, com a extrema delicadeza do seu gosto. Provou a companhia essa possibilidade, e, mais ainda, apreciou, para seu futuro governo, até onde se pode esticar a paciencia do publico, sem perigo de maior. Realisou-se a experiencia, com resultado satisfatorio — salvo um ou outro raspar de bengalas e de pés — mas parece-nos de bom conselho não a repetir.

E com isto pomos ponto nas nossas impressões sôbre *O Cambio... do Marcos*, que são de amigo, repetimos.

MARIO COSTA.



Op. 946

O' SALUTARIS

Jcão P. Mineiro

(Hino religioso)

RELIGIOSO

PIANO ou ORGÃO *mp*

VOZES

O' sa lu Ta ris hos ti

a qua ce li pau cis os ti um be lu pre mui hos ti li a da no bur fer ceu xi li

um un i bi no que Do mi no sed sempiterna glo ri a qui vi tam si ne ter mi

no nobis do net in pa tri a a men a men

ESPERANÇA



EM tempos que foram, quando havia príncipes que andavam por este mundo de gorros emplumados, falcões no ombro, cavalgando fogosos ginetes em montarias famosas, correu pelos paços e burgos a nova, levada por estranhos arautos, de que num longiquo castelo se encontrava virtuosíssima arca encerrando o segredo da felicidade. O cavaleiro que conseguisse abri-la disfrutaria dessa virtude por todo o resto dos seus dias.

Logo se aprestaram numerosos pretendentes, uns que padeciam de amores, outros que choravam penas irremediáveis, outros ainda que sofriam incompreensíveis dôres.

E muitas damas suspiraram, tristes, de não poderem ir também.

Afivêlaram-se armaduras, enfiaram-se os elmos, aprestaram-se lanças e béstas. No entanto, cousa de muito espantar, de bom auguro para alguns, para esta empreza, dizia-se, não haveria de ser preciso o arrojado das lutas, lutas que o senhorio nobre amava, sempre pronto a arrostar com a morte em façanhas homéricas. Quem especialmente folgava com este pormenor era a vilanagem, que tentava a aventura sem grande confiança nos próprios recursos.

E assim, logo ao dealbar, o sol beijava estandartes de cavaleiros que partiam sós ou em grupos, alegres ou absortos em tristes presentimentos, pela estrada que os havia de conduzir ao castelo misterioso, á arca encantada, á felicidade...

Dizia um velho, vendo largar os primeiros: «Insensatos! Para que ir de longada por longas terras desconhecidas procurar aquilo que se encontra apenas em vós próprios?!»

Os moços riram do velho, e o velho ficou-se a olhal-os enquanto galopavam envolvidos em nuvens de poeira que os cavalos levantavam, pela estrada que os deveria levar ao castelo misterioso, á arca encantada, á felicidade.

E uma velhinha, com ares de bruxa, muito encarquilhada e cor-

cunda, dizia: «Ai! dos que lá não chegarem!»

Passava o tempo, mas o castelo não logravam avista-lo. A estrada era longa, muito longa, e o tempo passava.

Anciosos palpitavam corações dos que ficavam e dos que partiam.

Juntavam-se as noivas e as mães, os amigos e os curiosos, ao sol-pôr e com a mão em curva sobre os olhos, dilatavam a vista, espreitando atentamente para o lado donde em sucessivas manhãs haviam largado os aventureiros, para o lado do poente, donde o ceu se tingia de vermelho.

A estrada era longa, muito longa; decorreram primeiro meses, depois anos, a confirmar tristes presentimentos. Mas não desesperavam os que haviam ficado, tão depressa eles alcançassem o fim da jornada, tão depressa voltariam. Que importava que fosse passados muitos anos, se trariam consigo a felicidade eterna, sem velhice?!

E esperaram em vão, que á estrada sem fim, que os cavaleiros percorriam chegasse um termo.

Morreram esperando ainda. Outra geração, e outra, e muitas, esperaram a volta dos cavaleiros. Esperamos nós hoje, também.

Pode ser que voltem um dia...



CARLOS DA ILHA-TRISTE.



AQUI SE DIRA
DOS LIVROS
CUJOS AUTO-
RES, ENVIAN-
DO-OS A BI-
BLIOTECA DA
ILUSTRAÇÃO
PORTUGUESA,
MANIFESTEM
O DESEJO DE
SER FALADOS



ONDE SE CONVERSARA' COM OS
LEITORES A PROPOSITO DE TU-
DO E O MAIS QUE OCORRER.

SANGUE DE EPOPEIA, por Mateus Moreno

O *Sangue de epopeia*, do tenente de artilharia de campanha sr. Mateus Moreno, ocupa-se especialmente da acção da artilharia portuguesa na Flandres. A batalha do Lys preenche a primeira parte. Referem-se as causas do insucesso, regista-se o deprimimento dos combatentes, narram-se a preparação do ataque e o ataque, diz-se o que foi Lacouture e junta um punhado de interessantes notas para o perfil do general Gomes da Costa. Na segunda parte, o autor enumera as ultimas tentativas e relata o que foi a arrancada da Victoria. O volume fecha com um extenso apêndice e abre com prefácios do general Abel Hipólito e do coronel Maia Pinto. Trata-se, pois, de mais um valioso subsídio para a historia da nossa participação na guerra. A edição é profusamente ilustrada.

CASA E PUCARINHO, por Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa

Os dois apreciados humoristas portuenses classificam este seu trabalho de «um punhado de *blagues*, alinhavadas sobre o joelho e concebidas sem pecado», e receiam que hajam perdido a oportunidade e, por isso mesmo, envelhecido. Os srs. Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa exageram quanto aos receios. A sua graça não envelhece. O bolchvismo, a carestia da vida, o adultério, a crise das subsistências, como a falta de casas, o problema do pão, a revista teatral, tudo isso continua na ordem do dia. A imaginação inexgotável dos dois autores, a sua risonha fantasia, as suas curiosissimas *trouailles*, as suas caricaturas tornam o volume *Casa e pucarinho* um magistral desopilante. Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa, além de humoristas, são homens de letras que sabem escrever e que, no teatro, conquistaram de ha muito, uma excelente reputação.

FLORILEGIO, por João Maria Ferreira

O fecundo vate sr. João Maria Ferreira fez agora segunda edição do *Florilegio*, que é uma especie de antologia da sua vasta obra poetica que lhe conquistou a honra de ser membro da Real Academia Galega, da Arcadia de Roma e da Real Academia de Malaga. O sr. João Maria Ferreira conseguiu, para a cole ta nea a que nos estamos referindo, um longo e caloroso prefacio do erudito academico Xavier da Cunha, que o considerava um «in igne p eta»; e publica, no fim do volume, algumas cartas do falecido escritor em que se exaltam os talentos do sr. Ferreira. Perto de trezentas paginas conta o *Florilegio*, todas elas bem

UMA «COQUETTE»—E' preciso muito cuidado n'inh' senhora, com os prenhados que se põem nas pestanas; com os olhos não se brinca. Contudo a seguinte receita parece-me inofensiva e enegreie as pestanas: Cera virgem, 15 gramas; banha de porco, 80 gr.: casca de Loureiro calcada e pulverisada, 50 gr.—D.

UMA AMADORA—Há varias cas s onde se podem arranj ar elementos de flores. A melhor talvez seja uma estante na rua do Carmo, creio que se chama Daupias.—D.

UMA QUE SOFRE DOS DENTIS.—Tome cuidado com as pastas que tenham como base o creme de tartaro. São realmente dum resultado esplêndido na brançura dos dentes, mas usados com grande fr queñcio tira-lhes o esmalte. Só de tempos a tempos se devem empregar estas pastas. Eis uma boa formula:

Crème de tartaro.....	20 gr.
Assucar de leite.....	200 »
Carb n.....	0,40
Essência de hortelã pimenta.....	q. d.

RUI DA FONTE—O esadêlo é muito mau. A confissão, com algumas emendas, não seria de ueitar fóra. Faça mais no gen. to da Confissão, com cuidado.

UMA DOCEIRA. Quer um doce feito á pressa? Ponha 250 gramas de assucar a tomar por 10 lit. Tire do lume e deste-lhe quatro gemas bem batidas levando cê novo ao lume a cozer. Bata-se as claras em castelo, misture-as bem ás gemas depois de arrefecidas e sirva.—D.

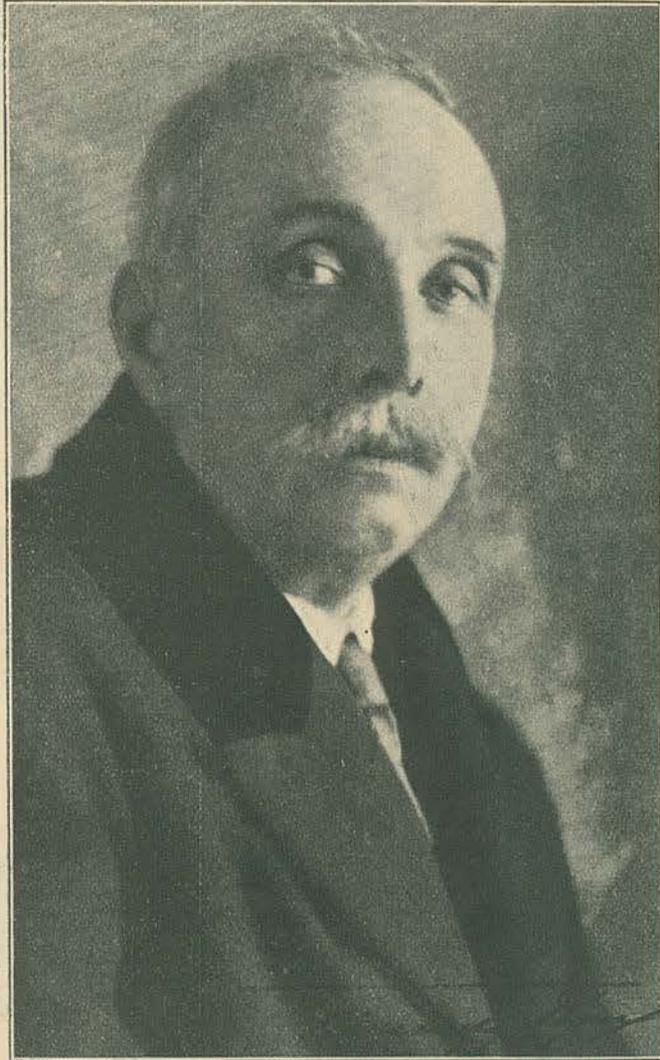
UMA TRISTE.—Todos nós temos as nossas tristezas. Aconselho-lhe a que tome como divisa «Ri ante a vida». Uma pessoa que se deixa vencer pela tristeza é um fardo para si propria e para os outros.—L.

UMA SUSCEPTIVEL.—Não precisava dizer-me que era susceptivel; basta a sua carta para m'o mostrar. Bem dizta eu na minha fóntal: «Se alegres e bem dispostos gracejarmos despreocupados e n s as palavras serão imediatamente tomadas com ofensas». Gracejet despreocupadamente e ofendi V. Ex.ª. Lamento mas não me desdig. Os susceptiveis são o terror aas pessoas bem humoradas.—D.

cheias, em letra miuda, contrariamente ao que acontece com outros cultores do verso em cujos livros são mais numerosos os espaços em branco que as paginas impressas. O sr. Jo o Maria Ferreira é de uma exuberancia torrencial. Pode ser que a qualidade deixe a desejar. A quantidade, porém, é de respeito! Um caso particular deste poeta marca referencia: tem o horror da letra H no inicio das palavras, suprimindo-a sempre. Escreve: omem (homem), ora (hora), oje (hoje), umano (humano), i to (hino), istoria (historia), etc. Quanto ao resto, cultiva todos os metros e revive todos os modelos mais perfeitos do *Almanaque de Lembranças*.

RAUL BRANDÃO

E O SEU NOVO LIVRO «OS PESCADORES»



RAUL BRANDÃO

(Cliché Fernandes Tomaz.)

Raul Brandão ocupa hoje nas letras portuguesas um lugar de excepcional destaque. O autor notabilíssimo dos *Pobres* não é só um extraordinário criador de almas, o evocador atormentado e religioso que lhe chamou Junqueiro, mas o estilista admirável, o burilador magnífico, em cujas frases se casam divinamente, no abraço eterno da beleza, o ritmo e a côr.

Pois Raul Brandão vai publicar um livro sobre os pescadores. Tendo percorrido todo o litoral, de Caminha a Vila Real de

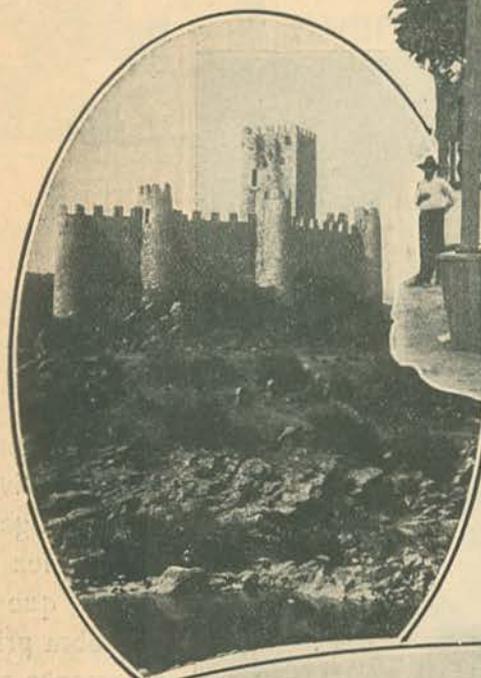
Santo Antonio, da sua convivência com a gente do mar fez um livro, que é uma obra prima de emoção e de descritivo, tão estranho e original, que decerto vai causar a maior sensação.

Quiz a amizade do eminente escritor conceder á *Ilustração Portuguesa* a primazia na publicação de um excerpto, o qual mais adiante in-

serimos, desse livro, honra que muito agradecemos. Com ele brindamos hoje os nos os leitores, certos de que não lhes poderíamos oferecer paginas mais belas.

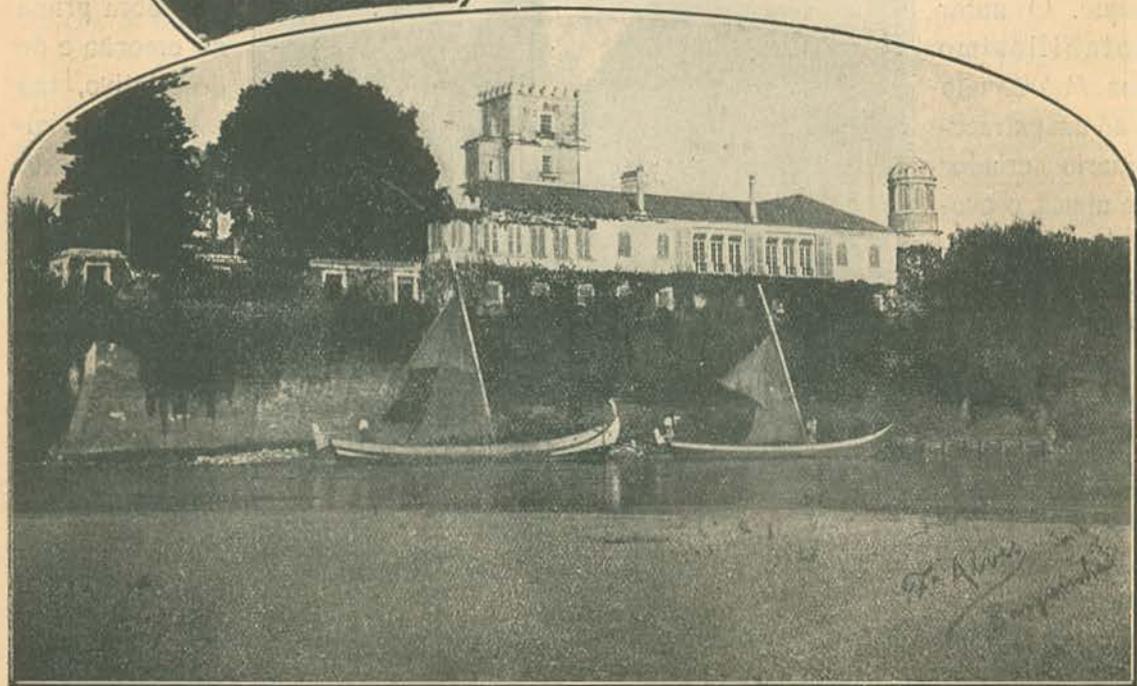
A Barquinha em Festa

Realizaram-se, nos dias 14, 15 e 16 do corrente, em Vila Nova da Barquinha, brilhantes festas, cujo produto reverteu em favor do hospital da Misericórdia da referida vila. Constaram de arraial e quermesse,



*Interessante bazar de canas e bogalhos que figurou no arraial
O castelo de Almourol, arredores da Barquinha*

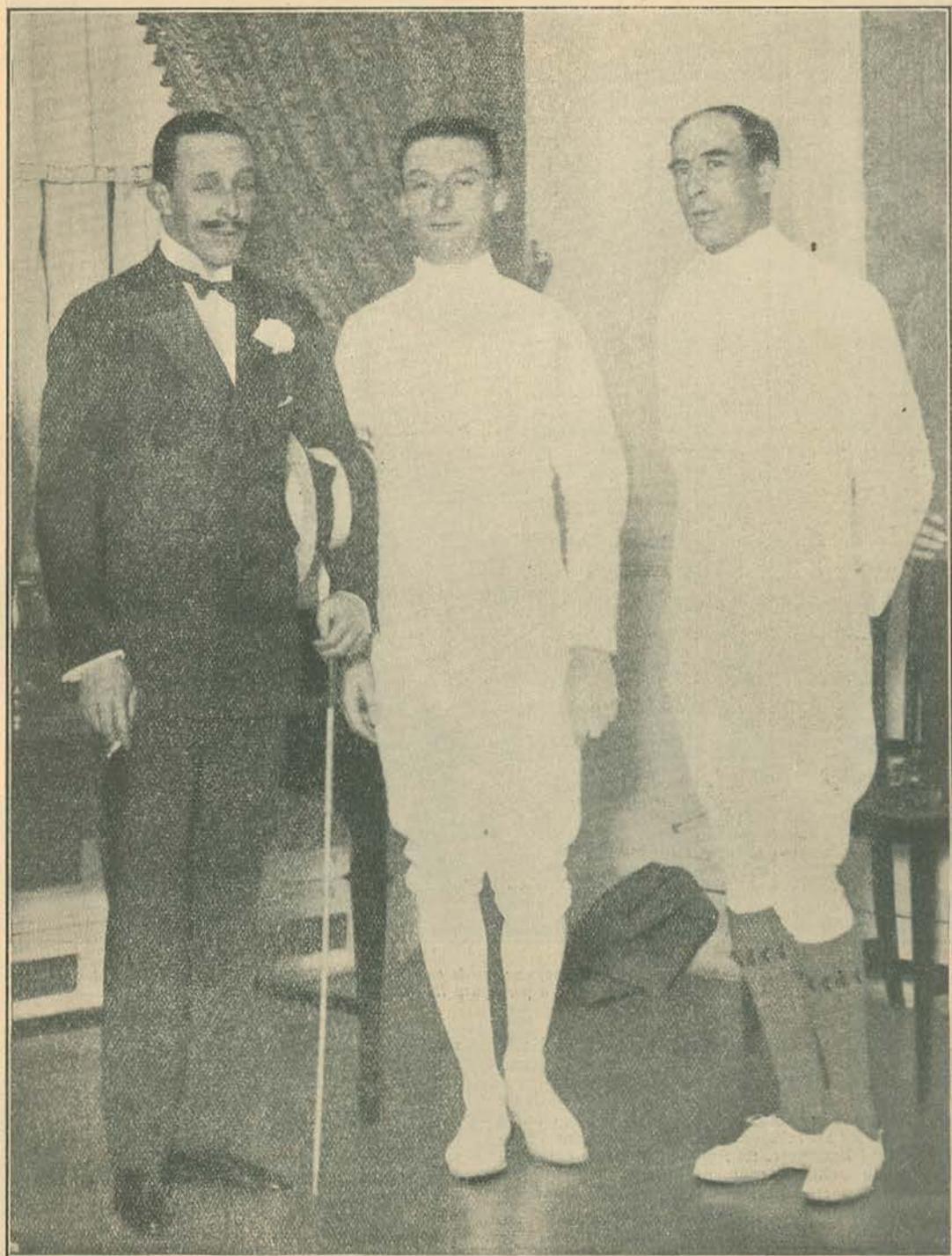
procissão de fogaças e outras cerimónias religiosas, bailes e descantes populares, corridas de vacas e de garraios, provas desportivas, fogo de artifício, etc. Foram grandes a concorrência e animação e parece que importante o produto obtido.



Trecho da Quinta da Cardiga, arredores da Barquinha

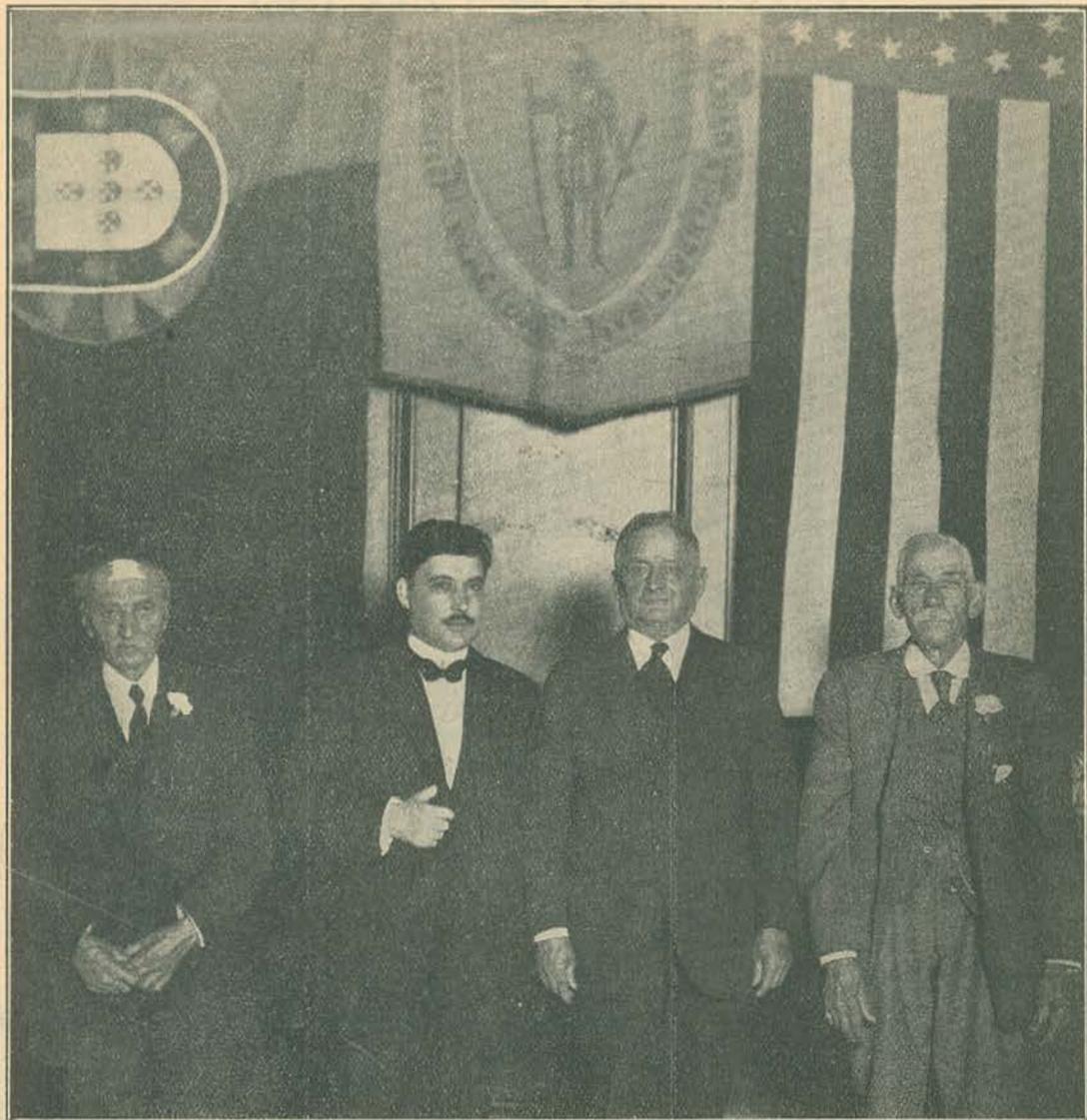
(Clichés F. Alves)

TORNEIO DE ESGRIMA EM MADRID



Sua Magestade o rei Afonso XIII, presidente do Torneio Nacional de Esgrima recentemente realizado no Hotel Palace, de Madrid, e os esgrimistas Lucien Gaudin, grande atirador francez, e Rui Maier, distinto atirador portuguez, os quaes tomaram brilhantemente parte no referido torneio tendo sido, pela mesma occasião, condecorados, pelo soberano espanhol, com a Cruz de Isabel, a Catolica. O sr. Rui Maier, a quem calorosamente felicitamos pela distincção obtida, pertence, como se sabe, à Sociedade de Esgrima de Espada, do Gremio Literario

A FESTA DOS VELHOS



Da esquerda para a direita: o portuguez J. Cosmo, que reside em Boston ha 50 anos; o consul portuguez em Boston; o honorable John F. Fitzgerald; e o portuguez Rose, residente na America ha 60 anos

EM Boston, America do Norte, realizou-se, no dia 12 do mez de Junho findo, uma festa de confraternização portugueza particularmente comovente.

Foi seu iniciador o nosso patricio sr. José da Silva e constou de um banquete em honra dos Velhos, ou seja dos portuguezes ali residentes ha mais de 40 anos. Efectuou-se, esse banquete, na American House, cuja sala de jantar se achava ornamentada com as bandeiras portugueza e norte-americana, oferecendo tres mesas em forma de U, aos convivas.

Tomaram logar, na do centro—a mesa de honra—34 velhos, ou veteranos da America, isto é, portuguezes ali residentes, como dizemos acima, ha mais de 40 anos, e, nas outras mesas, mais 125 colonos, de Boston e cidades visinhas, homenageantes daqueles seus patricios.

Ao banquete apenas assistiu um americano: o antigo *lord mayor* de Boston e *congressman*, honorable John F. Fitzgerald, velho amigo da colonia portugueza e tão amigo que o promotor da festa leu, ao *toast*, um artigo de um jornal americano de ha 27 anos, da auto-

ria do referido Fitzgerald e de calorosa defesa da mesma colonia.

Além do sr. José da Silva discursaram o nosso consul em Boston, sr. Eduardo de Carvalho, que inaugurou os brindes, e varios outros comensaes, produzindo, todos, como é de calcular, discursos trespassados do mais ardente patriotismo. O ultimo a usar da palavra foi o sr. Fitzgerald, que o fez nos mais lisongeiros termos para os portuguezes da America do Norte, terminando por entoar a antiga canção *Sweet Adeline*, que todos os comensaes, velhos e novos, acompanharam em côro, comovidissimos, nomeadamente aqueles, pelas recordações de mocidade que lhes despertou.

Ainda foram cantadas a *Portugueza* e a canção patriótica *America*, executando, ao piano, varias musicas portuguezas, o pianista nosso patricio sr. Porfirio Bessone.

Os portuguezes velhos, homenageados nesta interessantissima festa, ostentavam na lapela, como distintivo, um magnifico cravo branco.

Monumento ao dr. Lopo de Carvalho

No dia 6 do corrente, isto é, na mesma data em que o Congresso Districtal da Guarda inaugurou as suas sessões naquela cidade, também ali se procedeu ao descerramento do monumento ao grande sabio e illustre medico tuberculologista que foi o dr. Lopo de Carvalho.

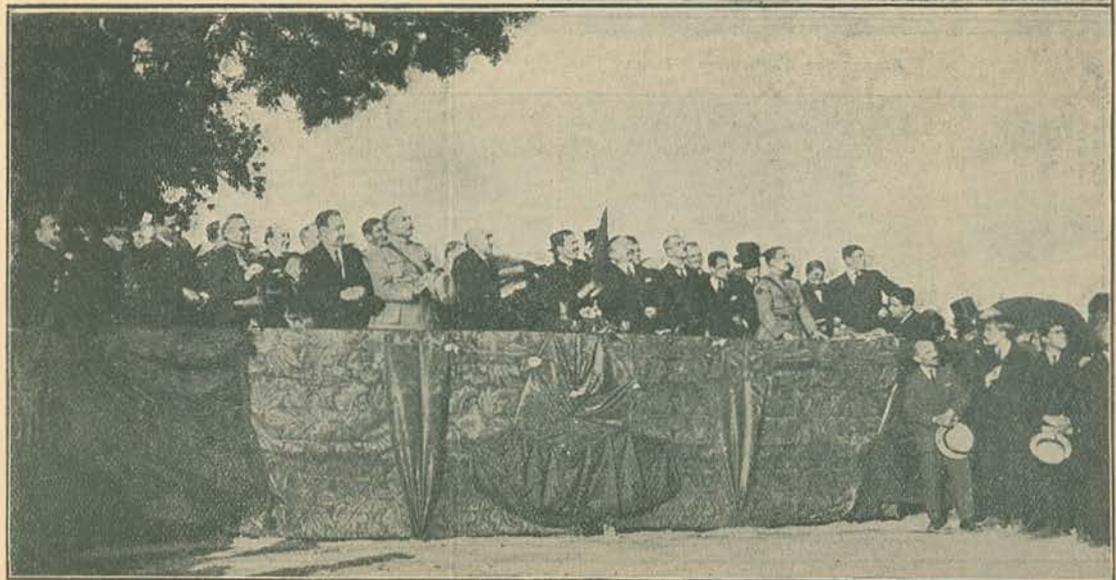
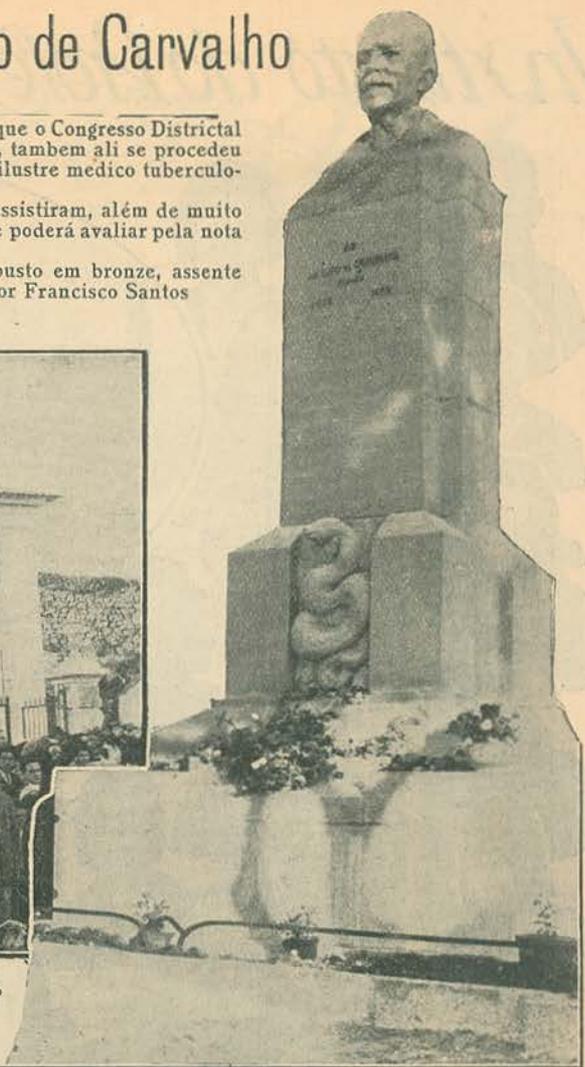
Revestido, o acto, da maior solemnidade, a ele assistiram, além de muito povo, pessoas da maior representação social, como se poderá avaliar pela nota de alguns nomes que damos abaixo.

O magnifico monumento, constituído por um busto em bronze, assente sobre magestoso plinto de marmore, é obra do escultor Francisco Santos



O povo da Guarda assistindo a inauguração do monumento

O monumento ao dr. Lopo de Carvalho



Tribuna reservada á familia do extincto e mais pessoas de representação que assistiram á inauguração do monumento
Entre outras pessoas vêm-se os srs. ministro do Trabalho, bispo da Guarda, senador Julio Ribeiro, dr. Cassiano Neves, coronel Amaro, dr. Ferreira da Silva, Artur Costa, dr. Antonio da Fonseca, Cesar Paul, dr. Felisardo Saraiva, chefe do districto, dr. Alberto Silva, dr. Canela d'Abreu, dr. João Abel da Fonseca, Francisco Balsemão, dr. Fausto de Carvalho, coronel Gustavo Pissarra, etc.

(Clithés Aires, Guarda.)

Instituto do Professorado Primario



Alunas que frequentam o Liceu



Uma das classes de Instrução Primaria, regida pela directora do Instituto, sr.^a D. Amalia Luazes

educar filhas de professores primarios, de preferencia orfãs, a sua eficiencia resalta do seguinte balanço do ano lectivo que acaba de findar:

Alunas admitidas. 65, das quaes: 4 frequentaram o 1.^o ano da Escola Normal e 1. o 2.^o, tendo todas obtido passagem para o imediato; 26 frequentaram o Liceu de Almeida Garrett, com as melhores classificações e, as restantes, constituem a escola primaria geral do estabelecimento. Simultaneamente com os cursos todas as alunas aprendem economia domestica e, depois dos 10 anos, costumam a roupa, passam a ferro, auxiliam, enfim, todos os trabalhos domesticos. No futuro ano lectivo cursarão, ainda, escripturação commercial e terão aprendizagem de modista, em conformidade com os Estatutos.

Recordando, de passagem, pois o espaço mais nos não permite, que a iniciativa benemerente da sua directora, a sr.^a D. Amalia Luazes, se deve a fundação desta tão prestimosa instituição e, ainda, á sua inquebrantavel torça de vontade a con-



Outra classe de Instrução Primaria, regida pela sub-directora sr.^a D. Emilia d'Almeida

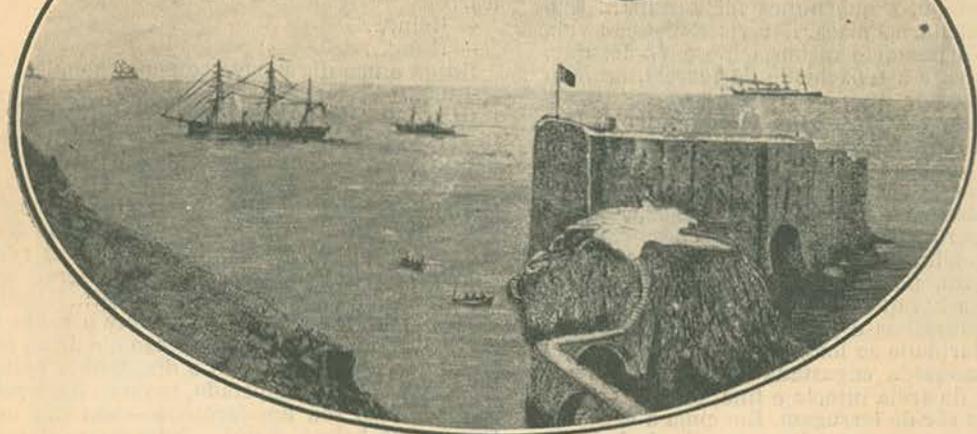


Mais alunas que frequentam o Liceu de Almeida Garrett e a Escola Normal

O Instituto Oficial do Professorado Primario é uma instituição, que tem tanto de simpatica como de util. Talvez por isso mesmo tão precaria lhe tem decorrido a existencia... Destinado, como se sabe, a

servação de la, constantemente ameaçada, cremos fazer apenas justiça a quem, aliás, bem merece mais do que isso: o caloroso reconhecimento da classe de que faz parte e tão zelosamente honra.

A Berlenga



Passo três dias deitado numa pedra a namorar o recorte delicado das Berlengas. Atraem-me como em pequeno as ilhas misteriosas e desertas dos meus sonhos. Por fim meto-me num barco, e depois de três horas a remos vejo-as mudar de cor e encher o horizonte. Distingo as minúcias na Berlenga grande, em Santa Catarina e Farilhões, e ponho o pé em terra com assombro. É um monte espesso com um castelo na base, assente numa pedra destacada e ligado à terra por uma ponte em aqueduto.

... Mas o monte solitário sai todo vermelho da água verde e grossa como um vidro e o castelo é o último refúgio dum pirata que surpreende mulheres na costa para as violar na ilha... Este granito está coberto de líquenes ferrugentos, que ao pôr do sol escorrem sangue, e a cor da rocha compacta contrapõe-se a da fortaleza de tijolo, carcomida e doirada, que data de 1676, e que se revê na água translúcida. Nunca vi água assim: é uma lente esverdeada, que desvenda fundos mágicos.

Subo um carreirinho a pique. Sento-me no planalto, e olho. Olho, não é bem — trespasso-me. Trespasso-me de cor, de luz, de amplitude. O que aqui existe e domina é o azul do céu e o azul do mar. Bebo-o. Vagueio uns dias ao vento falando só. Viver aqui é viver em pleno céu. É ser nuvem e mar, é ser azul. A vida sobre esta base de granito não tem corpo. A grande rocha está suspensa no vácuo — porque o mar é pó verde muito tênue e a costa pó roxo a diluir-se. Do alto vê-se o cabo Carvoeiro, e mais para o sul, a praia da Consolação, a Ericeira e a praia de João Salgado, e para o norte, o Baleal, a Foz do Arêlo, S. Martinho do Porto, e, até onde a vista chega, a ocidental praia lusitana. Mas isto num sonho fundido em azul, para lá do mar com veios espelhados, desde o pedestal desta

rocha imensa, onde vegeta o perretil e o cardo, até ao infinito. Do outro lado, para além dos recortes afiados dos Farilhões, das Estelas e de outras pedras escumantes, fica o mar eterno.

São extraordinárias as manhãs, com uma ponta de névoa em que o mar se dissolve, e os fins de tarde, oiro e verde, a que se sobrepõe o violeta, com aquela voz magnética sempre a chamar-nos lá em baixo, já escuro, do fundo das águas — e o morro vermelho a emergir do oceano...

Não me canso, extasiado. Vou por outro carreiro, pelas escadas de palmo abertas na pedra. Dou com as ruínas dum convento. Nos restos arruinados da capela copio diferentes datas: fr. Lobato, 1622; outra: 1606; um coração com duas letras enlaçadas L e R — 1615. Fico a scismar... No fundo avisto uma praia solitária, um câncho do tamanho da mão, onde nunca entrou o sol. Fria e palida, entre grandes rochas negras e scenograficas que emergem do mar e se recortam no azul, transe-me como um sítio misterioso que o homem visse pela primeira vez. Olho-a com medo. Não me atrevo a devassá-la... É isto mesmo... As ilhas desertas são habitadas. Tenho a sensação estranha de um contacto gelado: desconfio que anda por aqui uma alma virginal e pura e ao mesmo tempo cruel...

Desço às cavernas misteriosas de que é furado o ilhéu. Um entalhe nos paredões de granito, e a onda leva o barco pelo corredor estreito sobre algas com grandes pinceladas de branco nos cabelos. São enormes. São velhíssimos. Sinto que nos pressentem e estendem os grandes braços esguios, procurando enlear-nos. Olho para baixo... Todo aquele verde, camada sob camada, remexe até às profundas como cobras agitadas pelo mesmo desejo. Esperam... Esperam a presa. Quasi não ha água. Água do mar, só a que

se mete entre interstício e interstício de cada folha. O que ha é uma vida escorregadia e verde, um sonho monstruoso, que espera, numa luz glauca e movediça, qualquer prêsna para a agarrar nos braços, submergindo-a em camadas lisas e moles... Cair ali é ser apanhado por braços piores que os do polvo, que nos sugam, é ser estreitado num amplexo escorregadio e tenaz ao mesmo tempo, e que nunca mais acaba... Não ha a que deitar as mãos. E' a viscosidade, a vida obscura, o pesadello inconsciente e verde, que, com a força e a tenacidade da inercia, acabam por nos afogar num poço negro, sempre mais fundo, cada vez mais fundo, cada vez mais escorregadio e mais fundo...

Mal se vê. Uma espuma, um fio azul estremece ao cimo da babugem. O corredor aperta-se e o barco desliza sempre sobre as algas. Nos pedregalhos, chapadas mais escuras com estrias vermelhas e buracos que se afundam lá para dentro, para espessura incognita. Na penumbra, a luz que vem ás ondas de fora, reflecte nas muralhas o movimento incessante das aguas. Claridade ao longe, e desemboco por fim numa esmeralda engastada em vermelho, numa praia de areia intacta e fina, entre paredes temerosos côr de ferrugem. Em cima a nesga do céu. Um poço, a que falta a parede do lado do mar. Ilumina-o uma luz fria de fjord, uma luz morta de paisagem lunar — uma luz que é silencio ao mesmo tempo. Serena. Serena e indifferente como este espirito que habita a ilha, bello, feminino, solitario e preverso — e que deve ter aqui o seu antro...

15 de Setembro

Mesmo junto á ilhota armam os pescadores a valenciana, porque este é um dos pontos mais piscosos da costa. Ainda hoje a sardinha, que salta ao lume d'agua, acode em bandos compactos. Pesca-se o pargo mais saboroso de Portugal e a dourada com riscos na cabeça, de oiro côr de fogo da louca Talavera, o atum, a muge, o godilhão e a lagosta, que se apanha em covos. Fígam-se nas misteriosas cavernas polvos velhissimos como os de Vitor Hugo, que vivem em buracos onde só chega uma luz amortecida e verde, atenuada pelas algas desconformes. Aqui teem tambem as aves maritimas o seu ninho predilecto — os airós, as galhetas e as gai-votas, que passam num grasnido quasi humano e que criam os filhos nos paredes a pique, onde só se chega arriscando a vida. Neste fim de agosto passam para o sul bandos de patos formados em angulo agudo, com o guia no vértice; pombos cinzentos que voltam de terra com os papos cheios de sementes; maçaricos reais que piam ao pousar no areal, levantando vôo para piar mais longe; e o cisne negro que nos dias de temporal dança ao desafio na crista das vagas, furando-as como bom mergulhador.

Se houvesse justiça no planeta, eu já tinha sido nomeado governador deste castelo, onde vivem três veteranos que de velhos criaram musga — ou pelo menos faroleiro. Como sou um contemplativo, o lugar convinha-me perfeita-

mente. Os homens devem ser felizes deante deste espectáculo sempre igual e sempre renovado. De inverno nenhum barco atraca ás Berlengas. Sós e Deus no mais belo sitio da costa portuguesa!... Atravo-me a falar a um velho musarinho, de focinho arrelizador, que está metido no farol, de costas para o mar, fingindo que não me vê, a esfregar e a polir os metais reluzentes.

— Hein?...

— Hum!...

Rosna e não diz palavra que se entenda.

— Olá!

Olha-me com desprezo e continua a polir os metais já polidos, como se eu não existisse. Mas não desanimou facilmente e teimo:

— Que beleza, han?!...

Toquei-o. O homem sacode os hombros, levanta-se atira o pano fora, encara-me de frente, com os bigodes assanhados entre as rugas e um olho azul de faiança cheio de colera:

— Que beleza o quê? Que beleza?... Isto?! —

E ri-se. — O vento e o mar! sempre o vento e o mar! O vento, que no inverno não me deixa chegar á porta, e o mar todo o dia, toda a noite a bramir! O mar desesperado, o vento desesperado... Eu não sou um faroleiro — sou um naufrago. Que beleza, hein?... Nem posso dormir! nem dormir! Toda a noite o vento uiva, toda a noite o mar ecoa, ameaçando submergir esta ilha do diabo!...

Julguei-me autorizado a interrompê-lo:

— Mas no verão é esplendido...

— Nem olho. Só me resta uma esperanza — fugir. Se me não mudam, endoideço. O amigo sabe quantos endoideceram já? Três!...

E atirando os braços para o ar:

— Uma calamidade! Aqui não se sabe nada, aqui não chega nada. Nunca! nunca! Nem a pneumonia aqui chegou. E não posso ter uma couve, não posso ter uma abobora... Os coelhos devoram tudo. E' uma praga!

— Dê-lhes tiros.

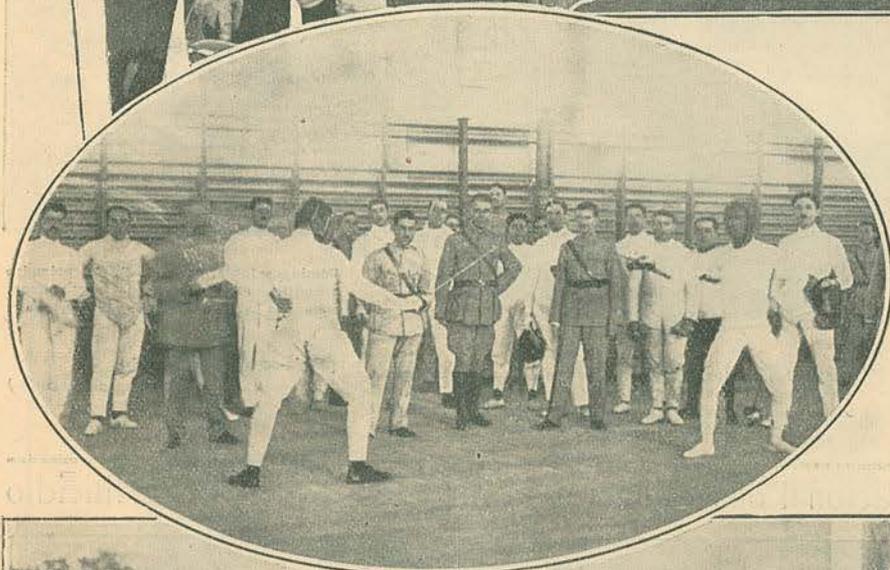
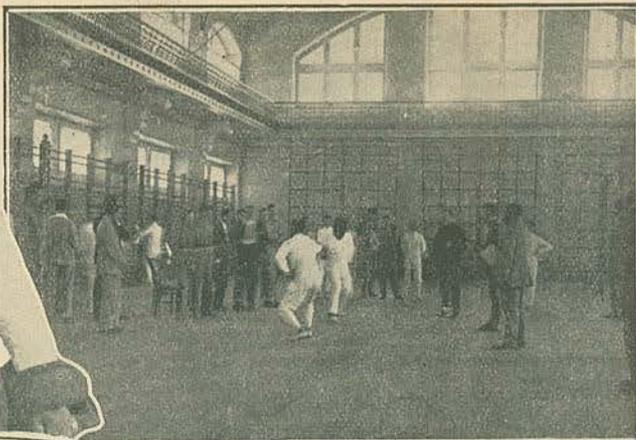
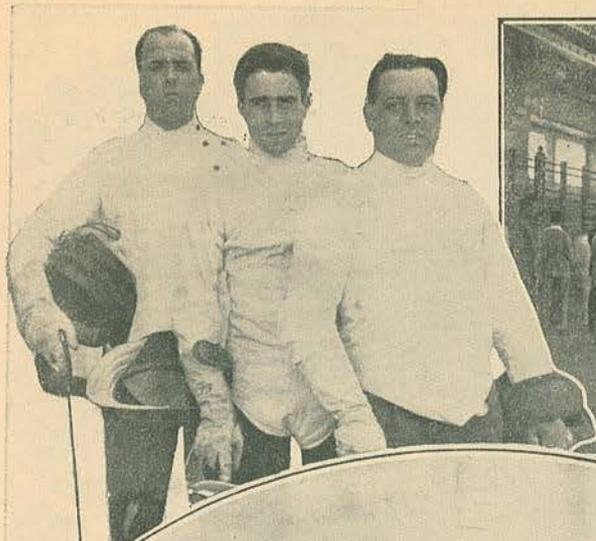
— Tiros?! — E ri-se com dois dentes e desprezo. — Quando quero um coelho, ato um anzol a um pau, meto o pau na lura e tiro o coelho para fora; quando quero um peixe ato um anzol a uma linha e deito a linha á agua... Mas o que eu quero é fugir! fugir! fugir para muito longe, para onde não ouça o mar, para onde não veja o mar!

Roncou... Percebi que repetia com escarneo: — Que beleza, han!... — E voltando-se, outra vez com o pano na mão, continuou a esfregar e a polir com desespero os metais — de costas viradas para o mar...

Regresso num fim de tarde todo de oiro, num mar todo verde. São outras três horas a remo. Deito-me no fundo enxuto do barco e absorvo-me na luz que se transforma. E' roxa agora. Desvanece-se mais. Estou encerrado numa grande joia translucida e viva — viva! — que pouco e pouco muda de côr. Violeta, toda violeta, e vai desmaiando como quem morre devagarinho com saudade...

RAUL BRANDÃO.

Campeonato Militar de Sabre



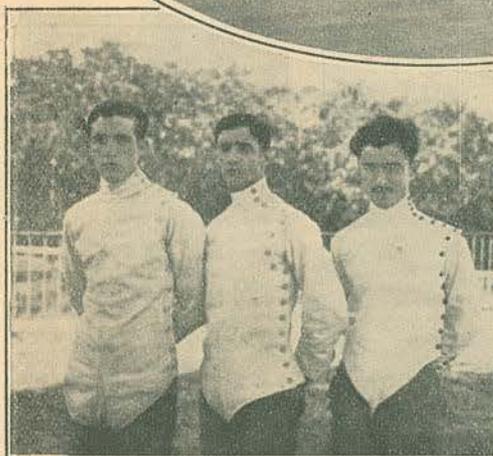
Capitão Jacome de Castro, da Guarda Nacional Republicana, tenente Luiz aos Santos, do Guarda Nacional Republicana, e alferes H. Ho ta, da Escola de Esgrima do Exército, officios classificados em 1.º, 2.º e 3.º lugar

MIKIM

Uma fase do campeonato de sargentos (em cima)

MIKIM

Uma fase do campeonato de officios (à esquerda)



Aspirantes Leote Tavares, Rui Horta e R. da Conceição, 1.º, 2.º e 3.º classificados

Sargentos da Guarda Nacional Republicana, Augusto Paula, José Marques Correia e José Gonçalves Camelo, classificados, respectivamente, em 2.º, 1.º e 3.º lugar

Com assistência numerosa, constituída, na sua mór parte, por sportmen militares e civis, realizou-se nos dias 19 e 21 do corrente, na Escola de Esgrima do Exército, o Cam-

peonato Militar de Sabre em que obtiveram as mais altas classificações, conforme vai indicado nas legendas das gravuras, os atrezoadores cujos retratos reproduzimos.

CAMPEONATOS NACIONAES DE ATLETISMO

ALGUNS DOS «RECORDMEN»



Julio Montalvão, do C. I. F., vencedor do lançamento de peso e dos saltos em altura, sem corrida

Domíngos Jorge, da V. J. F. C., primeiro classificado na corrida de 3:000 metros, em que bateu o «record» de Portugal

«Equipe» do C. I. F. B., composta pelos srs. José Quelroz, Gentil dos Santos, Alaila Monteiro e Honorio Costa que se classificou em primeiro lugar nas estafetas de 400 metros, batendo o «record» de Portugal

Gentil dos Santos, do C. I. F., que obteve as primeiras classificações nas corridas de 100 e 400 metros, tendo batido o «record» de Portugal nesta ultima, tanto nas eliminatórias como na final

(Veja-se a nossa secção «Todos os Sports»)

Conselho Nacional das Mulheres Portuguezas

Triplíce filicídio



As sr.ªs D. Adelaide Cabete, D. Fabia Ochôa, D. Deolinda Lopes Vieira, D. Angelica Porto, D. Albertina Gambôa e D. Maria O' Neli, que usaram da palavra na sessão solene comemorativa do 9.º aniversário da fundação do Conselho, realisada no dia 23, no salão da «Ilustração Portuguesa»

A «riminosa», D. Maria Jose Quereiro, mascarada de lavadeira (fotografia tirada ha 6 anos)

Duas festas de Caridade nas Caldas da Rainha



(Clichés Alvaro da Silva e Souza.)

Damas e cavalheiros que tomaram parte nos espectáculos

Da esquerda para a direita:—1.º plano:—D. Maria Luiza de Jesus, D. Ema Ribeiro, D. Arminda Fragoso, D. Cristina d'Agular Santos, D. Maria Rosa Figueiredo e o menino Antonio Serra. (2.º plano): D. Maria Caldas Pereira, D. Maria Teodoro, D. Alice Pereira, D. Georgina da Silva, Carlos Silva, D. Maria José Santos, Manoel do Carvalho (ensaiador) D. Maria do Carmo Novos, D. Maria Luiza Caldas, D. Delfina Pereira e D. Rosalinda Ferreira. (3.º plano): Guilherme Coutinho, Dr. Francisco Avejar Fernando Daniel de Souza, Joaquim Modesto, José Nunes, Eduardo Mendôça, José Mendôça, Antonio Dias, José Ramos e Cesar da Silva. (4.º plano): Alvaro Ribas Jaime Guilhermino, João Montês, Delfim Fonseca, José Gomes, José Girão, Herculano Sorra, Emlidio de Jesus, Antonio de Sousa e Eduardo Montês.

Nas Caldas da Rainha efectuaram-se tres espectáculos de caridade que despertaram grande interesse. Referimo-nos ao desafio de *foot-ball* entre o Sport-Club Escolar Bombarralense realizado no dia 9 do corrente, em que ficou vencedor aquele, por 2 a 1, e cujo producto das entradas reverteu em parte para o Hospital de Santo Isidro, e ás duas recitas efectuadas no referido dia 9 e no dia 12, no teatro Pinheiro Chagas, com a opereta *O Dia de S. Pedro*, original do sr. dr. João Palma, a comedia *Escalda Favas* e outros numeros entre os quaes um Orfeon regido pelo

Dr. João Palma
Auctor da opereta

Carlos Silva
Director da orquestra e orfeon

sr. Carlos Silva, tambem em beneficio do mesmo hospital e do Posto de Socorros dos Bombeiros Voluntarios.

Dr. Francisco d'Avelar

No personagem «Sacristão», da opereta **Carlos Neves**
1.º violino da orquestra



Team do Sport Club Escolar Bombarralense



Team do Esperança Foot-Ball Club Caldense

(Caricaturas do sr. Carlos Neves, expressamente feitas para a *Ilustração Portuguesa*.)

JULIO DANTAS NO RIO DE JANEIRO



Chegada ao Rio de Janeiro

O eminente homem de letras à sua chegada ao Brasil, no dia 24 do mez findo, foi cumprimentado, a bordo do Almanzora, por inu meras pessoas. Entre outras vêem-se, na nossa fotografia, os srs. Afranio Pezoto, presidente da Academia Brasileira de Letras, Goulard d'Andrade, da mesma Academia; Rafael Pinheiro, Aureliano Machado, proprietario da Revista da Semana, Albino Forjas de Sampaio, etc., etc



Recepção da Academia Brasileira de Letras

Recebido, com toda a solenidade, na Academia Brasileira de Letras, no dia imediato à sua chegada ao Rio de Janeiro, a nossa gravura representa o sr. dr. Julio Dantas respondendo ao discurso oficial de recepção, proferido pelo sr. dr. Medeiros d'Albuquerque



Conferencia sobre o Heroismo

O sr. dr. Julio Dantas, realisando, no dia 26, no Teatro Lirico de Rio de Janeiro, literalmente cheto, a primeira da sua série de tres conferencias que versavam, como se sabe, sobre O Heroismo, A Elegancia e O Amor



Visita á Escola Normal

Entre muitas outras visitas a instituições officiaes e particulares realitou, o sr. dr. Julio Dantas, uma á Escola Normal do Rio de Janeiro, estabelecimento verdadeiramente modelar, tendo sido ali recebido com as mais inequívocas provas de deferencia e por todo o pessoal docente e discente.

(Clichs: Fundação de A Pátria, do Rio de Janeiro.)

"Estrelas e Azes" do Cinema



Um dos actores mais queridos do nosso publico: Eddie Polo

LE NCE Perret, o grande «metteur en scène» do «Koenigsmark», firmou um contracto com a Pathé — «consortium», para a montagem da película «Miguel Strogoff», extraída da conhecida obra de Jules Verne.

O romance do popular auctor das «Vinte mil léguas submarinas», presta-se, extraordinariamente, para a realisação dum belo trabalho cinematografico.

Mas quem desempenhará o papel de Miguel Strogoff?

Já muitos actores apresentaram as suas candidaturas. Basta escolher, dentre eles, um que alle, ás necessarias qualidades de intelligencia, um magnifico fisico e boas qualidades desportivas, sobretudo no campo da equitação.

— Foram inumeros os boatos lançados como projectos da apreciada vedeta americana, Pearl White, depois da

Gabrielle Holinne uma das grandes figuras do teatro e da scena muda



sua estada na capital franceza, chegando até a afirmar-se que abandonaria o «ecran» pela vida do convento.

O ultimo, porém, é um pouco mais agradavel para os apreciadores da interessante artista, diz-se que Pearl White começará a filmar uma película por todo o proximo mez de setembro.

— Mahel Normand, a curiosa actriz das engraçadas comedias «yankees», tenciona partir para Paris, no começo do inverno, a fim de aí filmar algumas novas películas.

— Obteve grande éxito, na capital franceza, o «film» «Burridan», reconstituição e «mise en scène» de Pierre Marodon, da obra de Miguel Zevaco.

— Os franceses e os americanos vão, mais uma vez, competir na montagem dum «film». Trata-se da «Resurreição». Apenas Marcel L'Herbier começou a trabalhar na película, que conta ter pronta no proximo outubro, logo um «stúdio» americano, annunciou a filmagem da obra de Tolstoi.

Nesta ultima interpretação é a grande actriz cinematografica, Nazimova, que desempenha o papel de Maslowa.

Veremos quem consegue melhores resultados, inclinándonos, no entanto, desde já, para o trabalho da grande tragica Nazimova.

— O «Seculo» acaba de iniciar a publicação do romance cinematografico «Mãos de arminho», que será exhibido no Cinema Condes, e a que nos referiremos no nosso proximo numero.

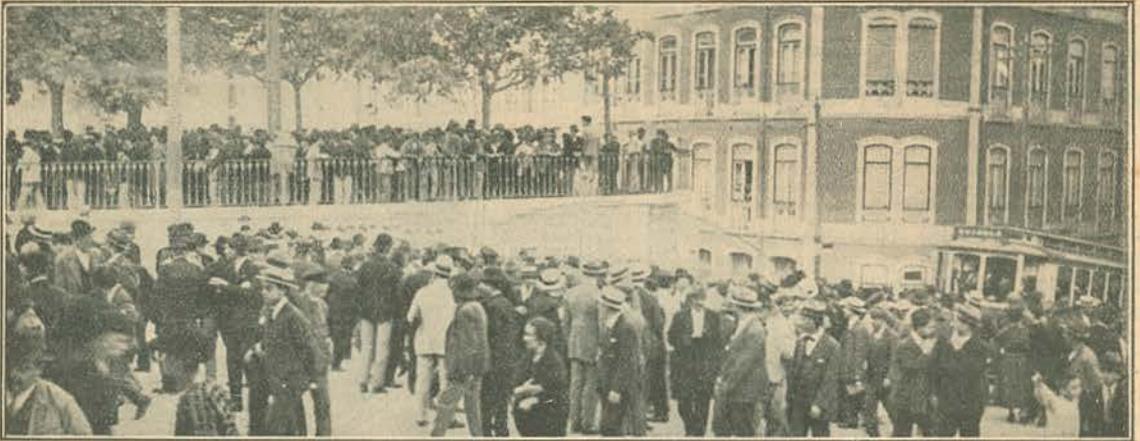


As duas irmãs Talmadge, Norma, à esquerda, e Constance, à direita



Uma das maiores estrelas da cinematografia espanhola: Rosarito Olsado

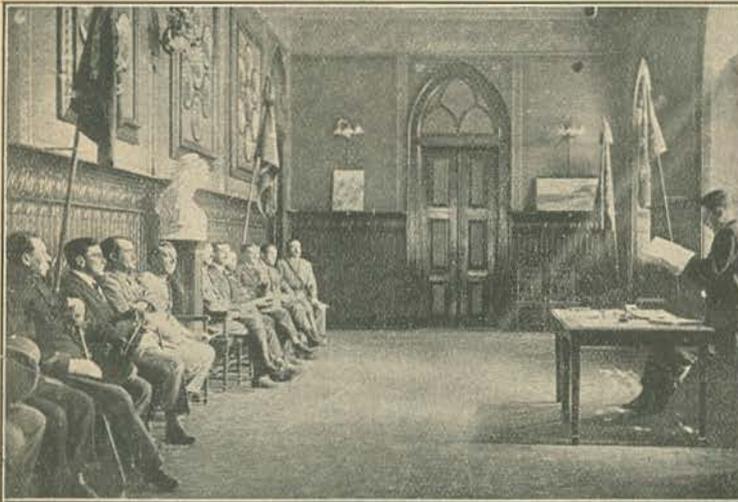
A magna questão do inquilinato



Uma parte da multidão que acompanhou ao Parlamento, no dia 20 do corrente, o Conselho Central das Juntas de Freguesia e a comissão delegada da U. S. O., que ali foram pedir a imediata discussão e aprovação do projecto de lei do senador Catanho de Menezes sobre o inquilinato

CAMPANHA DO SUL D'ANGOLA

IMAGEM DA SENHORA DO ROSARIO

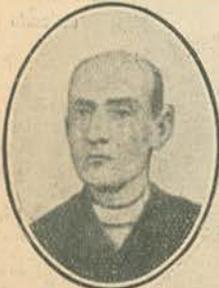


Officiaes do exercito e da armada que tomaram parte nas expedições ao sul d'Angola, de 1914 e 1915 reunidos, no quartel do Carmo, para assentarem na forma de comemorar o 8.º aniversario da referida campanha



Artística imagem, em madeira, de Nossa Senhora do Rosario, do escultor sr. Domingos Azevedo Teixeira, de Braga, destinada á igreja de Bemfica, onde ficou instalada no dia 19

Recitas por amadores



Monsenhor Romão Guimarães

Virtuoso conego arcebispo, presidente do Cabido da Sé Patriarcal, falecido em Lisboa, no dia 18, com 84 anos de idade



Grupo scenico do Club dos Gallos, de Aveiro, de que fazem parte as sr.ªs D.ª Maria Candida Ferreira e D.ª Izilda Campos e os srs. Aurelio Costa, Antero Machado Manoel Moreira, José Monteiro, José Duarte Simão, José de Pinho, Augusto Natividade, Antonio Ferreira e Pompeu Alvarenga (director) e que naquela cidade tem dado recitas de apreciavel valor artistico



Liborio Gomes Moreira

Competente e bemquisto professor primario aposentado, falecido recentemente, em Caminha, com 75 anos de idade



Dr. Xavier Esteves



Antonio
Francisco
Nogueira

Os principais o-rganizadores da Feira

A Feira do Porto

As industrias do pais, nomeadamente as do norte, deram-se *rendez-vous*, este ano, no Palacio de Cristal do Porto, organisando ali uma Feira que constituiu, sem sombra de exagero, um verdadeiro ensinamento.

A triste verdade é que existem, ainda, muitos portuguezes que não fazem a mais pequena ideia do que já hoje vale a nossa industria. Por *snobismo*, alguns, por ignorancia, o maior numero, não falta quem parta do principio de que um rotulo ou uma etiqueta estrangeira basta para garantir a superioridade do produto. Não obstante, quantas vezes esses rotulos ou essas etiquetas disfarçam apenas mercadorias nacionais, aliás tão boas e, não raro, melhores ainda que as importadas.

Sob o ponto de vista de esclarecer muita gente foi, portanto, de precioso ensinamento, repetimos, a Feira que acaba de se realizar no Porto. Em cento e vinte e tres *stands*, ou instalações diversas, que enchiam a

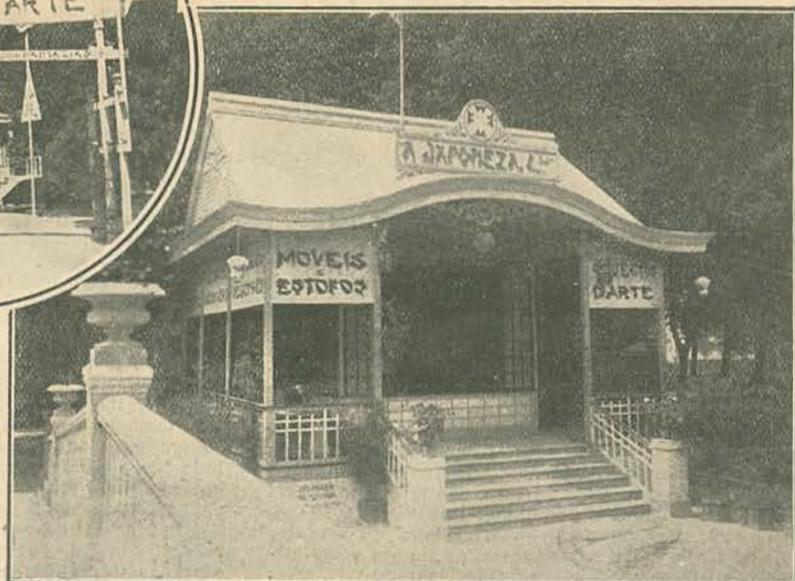
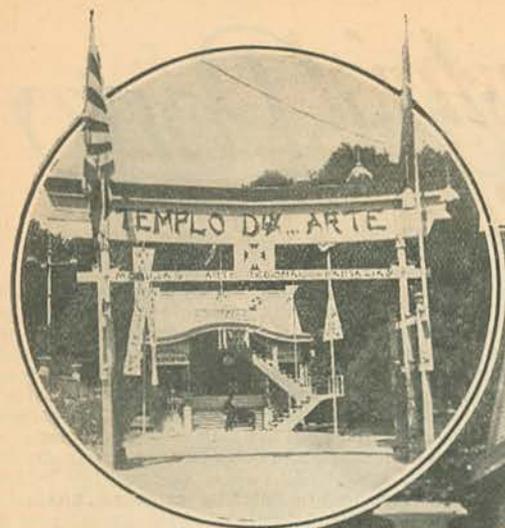
grande nave do Palacio de Cristal, tiveram occasião, os milhares de visitantes ao importante certamen, de verificar por seus olhos o grau de adeantamento da industria portugueza. Ali se fizeram representar, expondo os seus productos, companhias, sociedades e empresas de vastos capitais, grandes fabricas em que milhares e milhares de operarios labutam. A moagem, a panificação, a tecelagem, a fição, a metalurgia, bem como as industrias de menor vulto como as de cristais, vidraria, perfumarias, artigos de viagem, cortumes, de botões, espelharía, tapeçaria, mobiliario, cordoaria, artefactos de aluminio e tantas, outras numa bela competencia de esforços e, tantas vezes, de sacrificios ignorados, mostraram o que já valem e o que muito mais poderão valorisar-se com a protecção do publico que, uma vez esclarecido, não deixará de lhes dar preferencia. Pois não se trata apenas de uma questão de patriotismo, mas tambem de intelligencia. Tudo isso ainda ha pouco era importado a peso de ouro que saía do pais. E tudo isto é agora fabricado entre nós, com capitais portuguezes e por operarios portuguezes, isto é, em condições vantajosissimas para a economia nacional.

Para que tal convencimento se radique bem nos espiritos, convém, contudo que se reproduzam por todo o pais as iniciativas benemerentes como esta da Feira do Porto, magnifico certamen industrial de que damos nas seguintes paginas mais completa ideia, referindonos individualmente a alguns dos principais expositores e publicando fotografias dos respectivos *stands* segundo *cliché*, do nosso colaborador fotografico no Porto, sr. André de Moura.



Aspecto geral da grande nave do Palacio de Cristal, por occasião da Feira do Porto

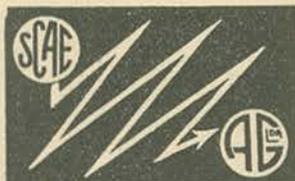
A JAPONESA, L.^{DA}



Interessante e original é o stand da Japonesa, L.^{da}, edificado nos Jardins do Palácio de Cristal, junto à entrada da grande nave. Instalação á japonesa, bem justifica o seu título «Templo da Arte». Se as fotografias que publicamos podem dar uma ideia do stand a exposição que ele encerrava, só quem a viu a poderá julgar. Realmente a diversidade dos objectos expostos desde o mais pequeno e artistico bibelot até ás mobílias luxuosas as suas carpetes, os seus tapetes, tudo emfim quanto o mais exigente possa sonhar, de rico, de sumptuoso ou de artistico, constituíam um ensemble de um apurado bom gosto que bem pode dizer-se deste

stand que foi o clou da «Feira do Porto». A Japonesa, L.^{da}, que tem a sua sede na Rua da Constituição, 225 e Rua da Alegria, 1001, executa todos os trabalhos referentes a marcenaria, estofador, carpintaria artistica, tornearia, etc., assim como mobiliario de toda a especie, tapetes, tapeçaria, artigos electricos e relógios de arte

SOCIEDADE CONSTRUTORA



DE APARELHOS ELECTRICOS

Stand 233. Uma variedade imensa de aparelhos electricos dos mais variados, das mais diferentes applicações. A Sociedade Constructora de Aparelhos Electricos, cuja sede é em Bemfica, Lisboa, expôs uma colecção completa destes aparelhos, entre os quais se veem motores, cafeteiras, ferros de soldar, de engomar, candieiros, ventoinhas, uma infinidade, emfim, de objectos de maior utilidade.

Como se sabe eram alemães todos estes artefactos que se consumiam em Portugal e hoje gra-

ças á Sociedade Constructora de Aparelhos Electricos a industria nacional pode defrontar-se com o estrangeiro, por isso

que os seus aparelhos são de incedível fabrico, empregando sempre o melhor material.

Tem já largo consumo, e, num futuro bem proximo, o mercado nacional lhe estará completamente assegurado.

Os representantes no Porto desta Sociedade são os srs. B. Almeida Guimarães, L.^{da}, da Rua dos Martires da Liberdade, 154 a 158.



Companhia Industrial de Portugal e Colonias

Não quiz a Companhia Industrial de Portugal e Colonias, que hoje constitue a mais poderosa organização industrial do paiz inteiro, deixar de figurar na grande Feira do Porto, enfileirando desta maneira ao lado de grandes e pequenos industriais, contribuindo valiosamente para o grande exito que marcou a Feira d'esano, da capital do Norte.

O seu «stand», instalado ao centro da grande nave do Palacio de Crystal, era constituido por um artistico pavilhão, que possantes colunas supportavam, destacando-se, pela sua grandiosidade, das demais instalações da Feira.

Nas elegantes «vitrines» do «stand» os productos da Portu-

gal e Colonias ali estavam a atestar os primores da fabricação e a sua apresentação dava bem uma clara ideia dos cuidados com que as suas fabricas lançam no mercado, sucessivamente, marcas sobre marcas de bolachas,

biscoitos, massas alimenticias, etc.

O «stand» da Companhia Industrial de Portugal e Colonias foi dos mais concorridos do certamen.

Gentis raparigas do Norte, trajadas de negro, com aventaes e toucas alvissimas, serviam os visitantes de bolachas e biscoitos das mais acreditadas marcas da Nacional.

Um verdadeiro exito o «stand» da Portugal e Colonias, confirmado pela alegria das



O stand na Feira do Porto



A multidão cercando o stand da Companhia Industrial Portugal e Colónias

crianças por que as bolachas eram distribuídas em profusão, e a admiração de todos não só pela instalação que era como dissemos, simplesmente soberba, como pelas amostras dos productos, ates ando os primores da respectiva fabricação. Este

«stand» foi um dos mais interessantes de todo o grande certamen. O edificio de enormes proporções, destacava-se de entre todos como o mais original e empolgante.

A multidão que constantemente se apinhava em sua volta, chamava logo as atenções de toda a gente. E a galanteria das caixei-rinnas, oferecendo gentilmente um pacotinho de bolachas, um saquinho de massas, fosse o que

fosse, captivava todos os que delas se aproximavam.

De manhã, ao anoitecer, a romaria de visitantes ao «stand» era permanente e constante. E todos saíam d'ali naturalmente satisfeitos, não escondendo a sua admiração por aque-

las instalações tão artisticamente dispostas e pelo trabalho que elas representavam.

Foram dezenas de milhares de pessoas que visitaram este «stand» durante a permanencia da Feira e todas saíram excelentemente im-

pressionados, exteriorizando o seu entusiasmo e a sua admiração pelas instalações nas quaes, repetimos, tudo se combinava para valorisar os productos expostos, desde a elegancia com que o estavam, até á sugestão que exerciam no publico, pela simples vista, da excellencia da sua qualidade e in-excedível perfeição do seu fabrico.

Um triumpho! O mais autentico dos triumphos!

E não só da parte dos visitantes se no-

tou essa lisongeira impressão, como dos proprios promotores do certamen. Assim, em todas as suas reuniões não regatearam encomios á obra da Companhia Industrial de Portugal e Colonias, como representando um esforço titanico adentro da vida industrial do Paiz.



Outro aspecto do stand

Sociedade Industrial Aliança



Fachada principal do «stand»

O visitante que inesperadamente se defrontou, na feira do Porto, com o «stand» da Sociedade Industrial Aliança sentiu-se justificado e surpreendido. A profusão e a beleza dos productos expostos e o recorte original e gracioso de todo o conjunto, marcam inconfundivelmente naquele certamen que, de resto, é uma bela demonstração do trabalho nacional. Mas a esse aspecto a tantos titulos atraente ha a juntar o valor industrial da Aliança

Das massas alimenticias, um antigo producto da Aliança, não pode haver mais a esperar, tão variados e belos são os tipos apresentados. As bolachas e biscoitos, que ha muito conquistaram a preferencia do grande publico apresentam-se numa larga e variada serie primorosamente fabricados. Todos os productos da Aliança, que se integraram com felicidade no «elegantissimo «stand», eram apresentados com sobriedade, mas com uma nota de

confirmado por uma serie de productos—Chocolate, Confeitaria, Bolachas e Biscoitos e Massas que desaliam—e nisto está o seu maior elogio—o confronto com tudo o que, no genero, se pratica em paizes estrangeiros. A frescura e colorido dos fructos e a delicadeza e o encanto dos seus perfumes delicia-nos nessa serie interminavel de «glacés», caramels, «fondants», rebuçados, etc., que constituem a Confeitaria da Aliança.

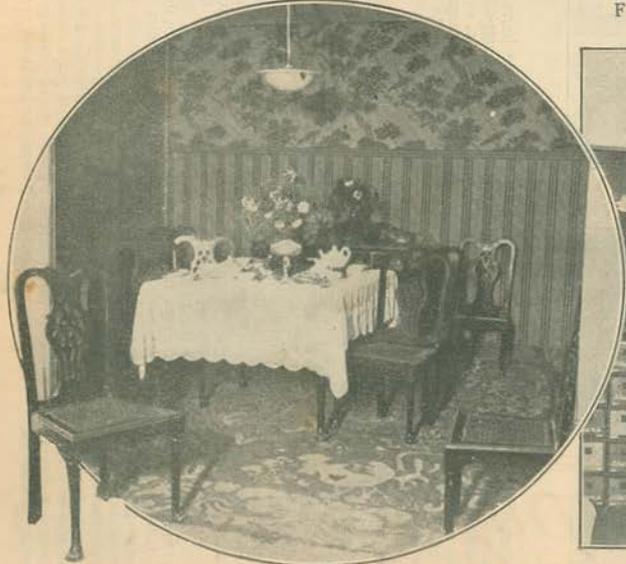
O Chocolate—ultima creação da grande empreza industrial—apresenta-se tão distinctamente nos seus involucros de fundo azul, branco e lilaz, tocados a ouro, que facil é advinhar-lhes o sabor finissimo. Neste fabrico a Aliança consegue ainda, pela primeira vez em Portugal, entregar ao consumo um producto que em todos os seus tipos: para taça, «fondants», infantil, sport, etc.—faz esquecer os famosos «suchard» e «cadbury». E' a consagração, feita pela industria portuguesa, do cacau e assucar portugueses!

distinção que os torna inconfundiveis entre os seus congeneres. A industria portuguesa que tantas vezes falha pela sua imperfeita e inestetica embalagem tem na Aliança um exemplo digno de imitação.

Quantos productos por ahi se exibem que, embora bem fabricados, não conseguem conquistar o publico por causa do seu acondicionamento banal?

A Aliança, que com uma grande probidade industrial nos apresenta um nucleo de productos de alimentação que não tem semelhante no nosso paiz, não se esqueceu de cuidar das suas embalagens com raro bom gosto, até aos seus detalhes minimos.

Era realmente tempo de começarmos vivendo dos recursos do nosso solo e da iniciativa dos nossos industriaes. E se somos ou não capazes de realizar esta tarefa patriótica, diz-nos triunfantemente a Sociedade Industrial Aliança. As visitas, que foram numerosissimas, ao seu «stand» na Feira do Porto, eram unanimes em confirmar as nossas palavras.



Um elegante tremo da exposição de rebuçados, bombons, pastilhas, etc.



Sala de exposição de bolachas, biscoitos e massas alimenticias



Os productos «Vitalia» já estão bem conhecidos tanto em Portugal como nas Colonias e Brazil, para onde são exportados em larga escala.

A gerencia da firma «Empreza Vitalia Ltd.» tem procurado sempre aperfeiçoar, não só o fabrico dos seus productos, como a respectiva rotulagem, etc., tendo o maximo cuidado em que eles sempre sejam apresentados como **productos portugueses** e assim consegue fazer conhecida por toda a parte a perfeição da sua industria e ao mesmo tempo dá uma prova do seu patriotismo.

Actualmente a «Empreza Vitalia Ltd.» tem instalados os seus escritorios na Rua de Fernandes Thomaz, n.º 218, no Porto, e breve ficarão instalados no seu edificio proprio, para o que já adquiriu varios terrenos naquea cidade.

A «Empreza Vitalia Ltd.» tem-se destacado na industria nacional com a sua fabrica de perfumes, cujos productos se aperfeiçoam dia a dia, graças ao seu cuidadoso fabrico. A sua exposição na Feira do Porto, onde insta'ou um interessante «stand», conseguiu destacar-se de fórma a merecer todos os elogios.

Todos os productos da sua especialidade ali estavam representados, formando uma interessantissima colecção.

Dos artigos de borracha, expostos na Feira do Porto destacavam-se, pela sua qualidade e primor de execução, os «stands» da Companhia da Borracha, Sucessores Victor C. Cordier Ltd. e cujas fabricas estão situadas em Lisboa, na Rua do Assucar, 78, ao Beato.

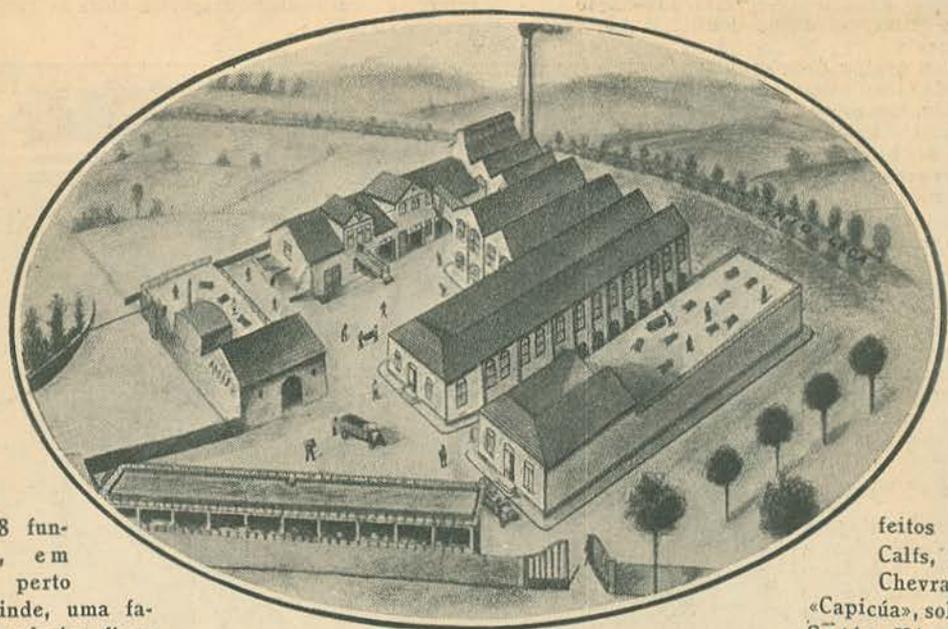
A antiga Companhia foi ha seis mezes transformada numa Sociedade por quotas, sob a razão comercial Victor C. Cordier Ltd., sendo socios os srs. Victor C. Cordier, director da extincta Companhia, que ha mais de dez anos dirige proficientemente esta industria, e Georges Foulon.

Nos ultimos tempos, a industria da borracha tem tomado um importante desenvolvimento e pôde contar-se hoje já com um elemento de valor na industria nacional portugueza, e a antiga Companhia da Borracha, graças ao cuidado do seu fabrico, fórma hoje na vanguarda dos estabelecimentos do seu genero.

O «stand» da Feira do Porto constituiu uma verdadeira revelação pela enorme variedade dos objectos expostos, artigos da especialidade de todas as qualidades e applicações.

O sr. Victor Cordier foi alvo de muitas felicitações da parte dos visitantes da Feira, onde o seu «stand» conseguiu destacar-se por uma fórma tão brilhante.

Fabrica de Cortumes "Rio Leça"

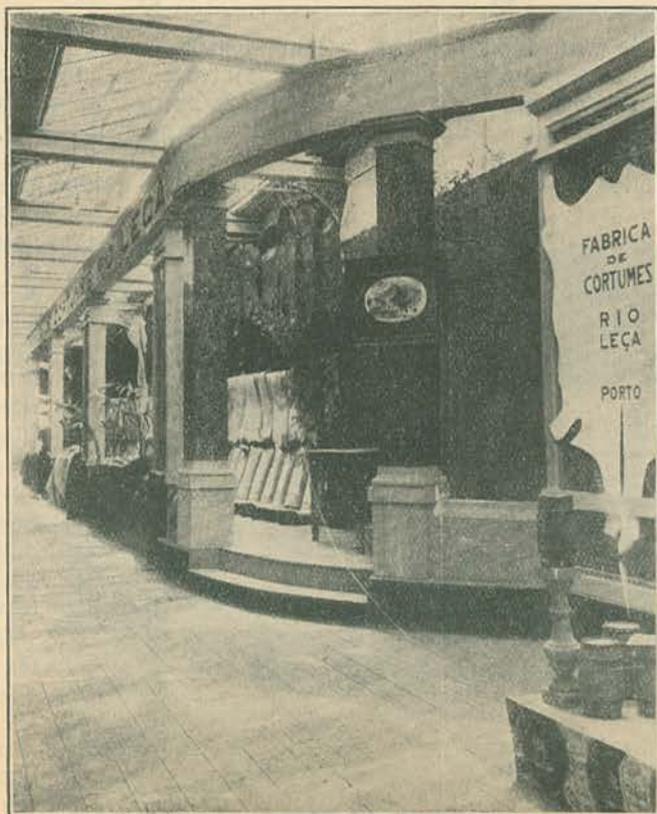


A fabrica Rio Leça

Em 1908 fundou-se, em Gueifães, perto de Ermezinde, uma fabrica de pelarias finas curtidas, acontecimento este que marcou, logo no seu início, um lugar de destaque na industria nacional portugueza. A fabrica «Rio Leça», de cujas instalações damos com prazer uma fotografia, começou a desenvolver o seu fabrico de uma forma tal, que a breve trecho tomava o primeiro lugar na sua qualidade. Os productos desta fabrica não careceram de reclame para se imporem no Paiz, deslocando deles os artefactos estrangeiros considerados até então insubstituíveis.

Não podia a Fabrica de Cortumes «Rio Leça» alheiar-se da Feira do Porto, sendo, como é, uma das mais importantes industrias do Norte do Paiz, e assim fez reservar para os seus productos os Stands 216, 218, 220, 222, ao fundo da galleria da grande nave do Palacio Cristal. Numa interessante e intelligente disposição puderam os visitantes daquela Feira apreciar exemplares per-

feitos dos Box-Calfs, Semi-Calfs, Chevrax, Forros, «Capicúa», solas diversas Sãtin-Kip, Split-Calf (Crousts), Couros ao cromo, applicações para artigos de Sport, Couros envernizados e muitos outros artigos da sua especialidade, sobretudo em fantasias para carteiras, malas, etc.



O stand da fabrica, na Feira do Porto

O stand da Fabrica de Cortumes «Rio Leça» foi, na sua especialidade, o mais completo e interessante do grande certamen nacional. Não lhe pouparam justificados elogios os numerosissimos visitantes que por dezenas de milhares contaram e, leigos e conhecedores, ninguém deixou de prestar homenagem á direcção da Fabrica de Cortumes «Rio Leça», não só pelas excellentes qualidades dos seus productos, como pela sua intelligente e artistica disposição nos seus Stands.

Os depositos e escriptorios da Fabrica de Cortumes «Rio Leça» encontraram-se instalados na cidade do Porto, á Riua da Cancellavelha, 2 a 6.

TECIDOS DE SEDA

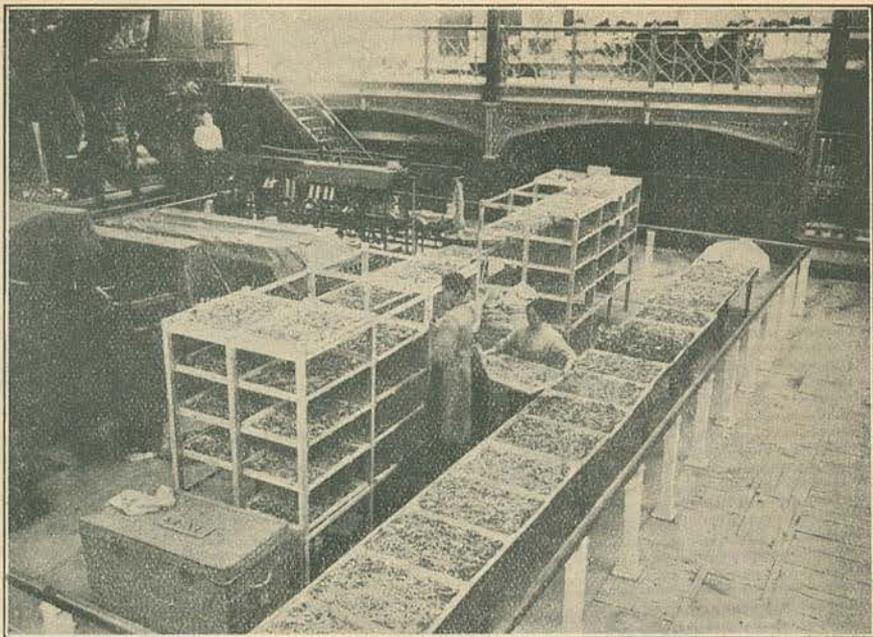
Paragem obrigada de todos os visitantes da Feira do Porto o curiosíssimo stand da Fabrica de Tecidos de Seda de Antonio Francisco Nogueira. Instalação a todos os titulos primorosa e que constituia um verdadeiro ensinamento.

Ali se podiam avaliar todas as fases do fabrico dos tecidos de seda. Em numerosissimos e vastos taboleiros, milhões de bichos de seda tecem os seus casulos e, desde esta primeira função, até ao fio de enrolar nos curiosos carretos, prontos á tecelagem, o publico teve ocasião de assistir a todas as fases do interessantissimo fabrico.

Só vendo se pode imaginar o trabalho insano que representa esta fabricação e o meticoloso cuidado que a ela deve presidir, tão delicadas são todas as *étapes* por que teem de passar a materia prima.

Antonio Francisco Nogueira, a alma desta fabrica, tem bem o direito de orgulhar-se da sua obra, e a sua iniciativa de transplantar para o Palacio do Cristal uma minuscula proporção da sua esplendida fabrica de sedas, da Rua da Alegria,

265, excedeu, estamos certos, a sua propria expectativa, que ninguém pode negar que o seu stand foi o que mais interesse e curiosidade despertou entre os visitantes da Feira do Porto.



Fabrica Portuguesa de Artigos de Malha

Os artigos de malha, de tanta fama por esse País fóra, também foram á Feira do Porto, apresentados pela Fabrica Portuguesa de Artigos de Malha, da firma Santos & Filhos, da Rua Oliveira Monteiro, 724, no Porto.

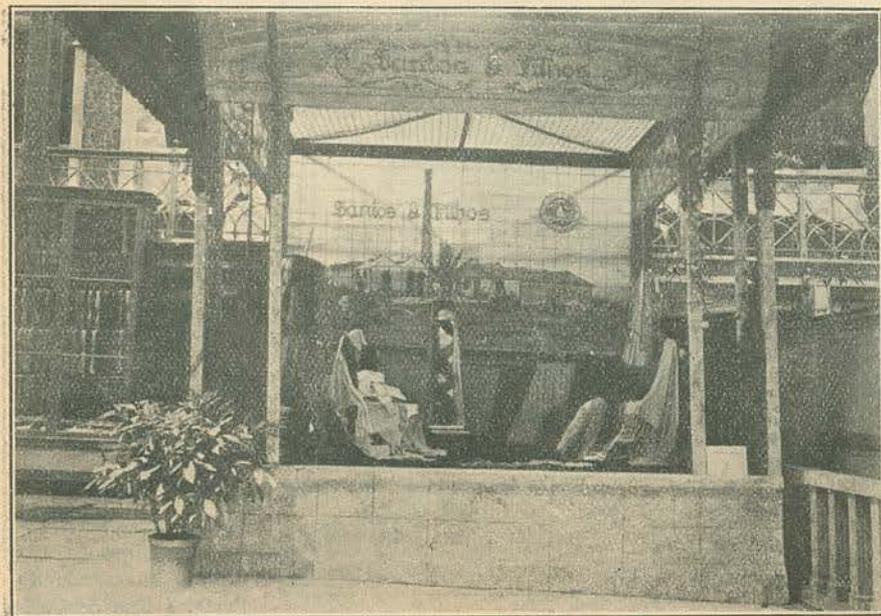
«Stand» a todos os titulos interessante, exce-

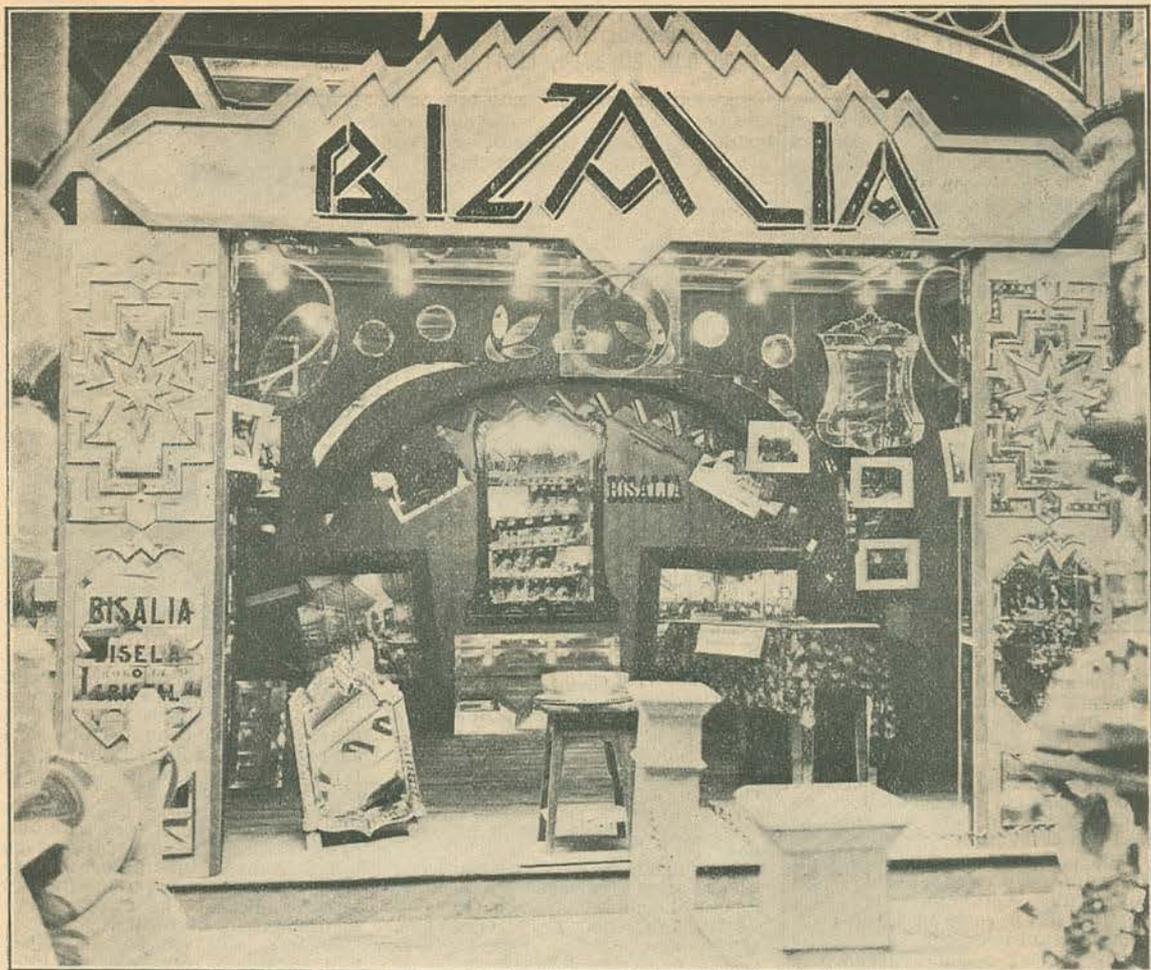
lente disposição dos artigos desta fabrica, a que não faltava certo cunho artistico, um conjunto de molde a atrair as atenções dos visitantes do grande certamen do Norte.

Muito conhecidas e apreciadas as malhas da Casa Santos & Filhos, que bem evidenciaram nesta exposição as excelentes qualidades do seu fabrico e das materias primas empregadas, justificando o bom renome de que gozam nos nossos mercados.

Santos & Filhos podem bem orgulhar-se do exito da sua instalação que, na sua especialidade, era do melhor que por lá se encontrava.

Os inumeros visitantes da Feira do Porto, que se detinham sempre em frente deste «stand», exteriorizavam bem manifestamente o seu aplauso e admiração.





Ha dois anos apenas, fundava-se no Porto, á Rua Passos Manuel, 40 uma fabrica de espelhos. A sua marcha foi tão rapidamente progressiva que decorrido tão pequeno espaço de tempo, a Bisalia, Lda., que assim se intitula esta empresa, transformou-se na primeira fabrica do seu genero em todo o paiz. Instalada com os mais modernos aparelhos da especialidade, vinte e sete maquinas das mais completas, a Bisalia, Lda., encontra-se hoje em condições de fornecer ao consumo nacional cristaes lapidados e espelhos de todas as formas, as mais complicadas e caprichosas.

A Bisalia, Lda., começou por adextrar pessoal neste fabrico e para isso não se poupou a sacrificios de qualquer natureza. O seu director gerente, que visitou as fabricas da especialidade de mais nomeada do estrangeiro, escolheu o contramestre de St. Gobain, que veio ao Porto exclusi-

vamente com aquele fim. E o operario portuguez que, a final, uma vez adextrado é tão bom como o que melhor ha lá fora, adaptou-se tão depressa que a Bisalia está hoje em condições de concorrer com as mais afamadas casas congeneres, seja de que paiz fôr.

O stand da Bisalia, na Feira do Porto, era indiscutivelmente, dos que mais interesse despertavam. Ali se comprovavam as asserções que vimos de fazer e, fosse quem fosse, leigo ou conhecedor, reconhecia imediatamente que esta fabrica faz honra á industria nacional. Os mais variados cristaes, e espelhos de todas as formas desde a mais simples á mais luxuosa, verdadeiras obras primas que as mais afamadas fabricas de Florença não desdenhariam de assinar.

Mais um belo exemplo de actividade nacional, que muito nos apraz registar.

C.^a FABRIL DO CAVADO



SOCIEDADE INDUSTRIAL DO BOM SUCESSO, LIMITADA



A LIVRONITE



A instalação 33 da Feira do Porto pertencia à Companhia Fabril do Cávado, cujos escritórios estão situados na rua Passos Manuel, 22 a 26, no Porto.

A exposição dos seus artefactos velu mais uma vez congregar os créditos de que gozava já a fabricação desta companhia.

Uma colecção completa de tecidos de algodão e seda, dos mais variados tipos, verdadeiras criações, constituíram um *ensemble* verdadeiramente maravilhoso.

As manifestações de agrado por esta exposição não faltaram em todo o decorrer da Feira do Porto, e os directores da Companhia Fabril do Cávado viram cercados de êxito os esforços empregados para que o seu stand fôsse dos mais curiosos daquela Feira.

No lado esquerdo da galeria, stand n.º 69. Exposição elegante e bem orientada de tapetes de todos os generos. É a instalação da Sociedade Industrial do Bom Sucesso, cujas fabricas se encontram nas ruas do Bom Sucesso e Agramonte, do Porto, e escritórios na rua 31 de Janeiro, 97, 1.º, da mesma cidade.

Esta firma fez expôr no seu stand uma variada colecção de *carpettes*, tapetes de pita e juta, capachos de Bafão, Pelo Alto e Cão recortados, estampados e lisos, além de passadeiras de Cocco e Juta e alcatifas de Cão e Pita.

Elegante mostruario que comprou sobejante as facilidades das Fabricas Industrial do Bom Sucesso, L.^a e, na sua especialidade, uma das melhores, sendo a melhor, da exposição do Porto.

—O que será a Livronite?—perguntavam todos os que se aproximavam daquela enorme pirâmide de latas cilindricas que constituíam o stand 53, pertencente à firma Cunha, Guerreiro & C.^a, da rua da Conceição, 64, 2.º, no Porto.

Pois a Livronite é um excelente preparado sem igual contra a humidade, salitre e botulho. Dizem que a humidade é a tuberculose dos predios Assim a outra tuberculose, a humana, tivesse encontrado um remedio como a Livronite.

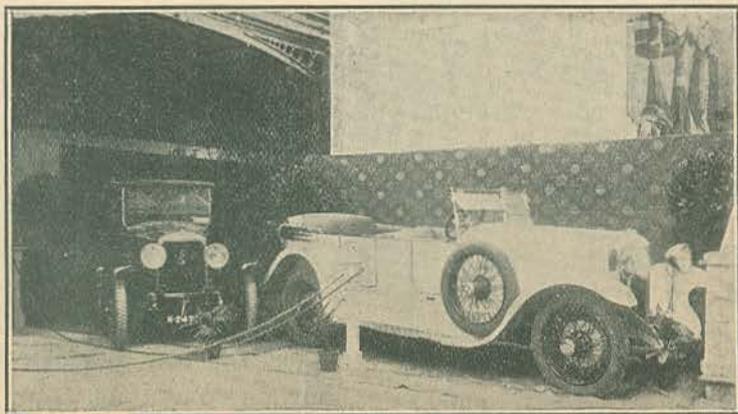
Realmente a Livronite tem dado os mais excelentes resultados. Qualquer superfície coberta com ella obtém uma impermeabilidade absoluta, aumentando-lhe extraordinariamente a duração. Pavimentos, lagares, plas, tanques, reservatorios, encobertos com Livronite, ficam ao abrigo de todas as contingencias.

NARCISO, CASTRO & C.^a L.^{DA}

As «carrosseries» armadas em «chassis» Moto L.^a, da rua do Bulhão, 130, Porto, apresenta

block, expostas nos «stands» 125, 139 e 141, da Feira do Porto, foram objecto da mais justificada admiração por parte dos visitantes do importante certamen do Norte.

Os srs. Narciso, Castro & C.^a,



ram dois carros em «chassis» da sua fabricação, que eram uma verdadeira maravilha. Temos bem a convicção que melhor não se consegue fazer em parte alguma.

Muito curiosa e interessante esta instalação.

A ELECTRO-CONSTRUCTORA

Ao fundo da nave do Palácio de Cristal, e do lado direito, chamava a atenção de todo o visitante da Feira do Porto uma instalação curiosa e interessante, que refinha as atenções geraes. Tratava-se da Electro-Constructora, Limit., que bem nos merece uma resenha, infelizmente curta, da sua historia.

Em 1917 o sr. Rodrigo d'Oliveira Duarte abalancava se, com um arrojado devêras notavel, a lançar uma industria nova em Portugal, a da fabricação de lampadas electricas. Evidentemente não se justificava que a nossa industria, cujas faculdades de trabalho e iniciativa tiveram o mais retumante exito no certamen deste ano, desprezasse uma excelente occasião de empregar a sua actividade. Milhares e milhares de lampadas se consumiam por esse paiz fóra, e todas vinham do estrangeiro, de varios paizes, de diferentes marcas.

Lança-se a idéa, que toma vulto, mas como succede em todas as coisas novas neste Portugal, não houve difficuldade que se não antolhesse, complicação que não surgisse. Mas o sr. Oliveira Duarte não desanimou e em 21 de Outubro de 1921, graças ao dedicado concurso de varios seus amigos forma a nova Empresa Sociedade Electro-Constructora que immediatamente consegue pôr em marcha a sua iniciativa.

É a sim que se lança no mercado a lampada electrica S. E. C. L. devidamente defendida pela patente que lhe concedeu o governo portuguez, e em tão boa hora que as lampadas S. E. C. L. vão de triumpho em triumpho, conquistando vezoamente o mercado de que as fabricas estrangeiras eram detentoras.

Ha de haver quem sponha que o facto de serem nacionaes as novas lampadas implicará certa inferioridade em relação ás estrangeiras. Pois nada disso é assim. Os materiaes empregados na sua confecção são dos melhores, o cuidado que preside ao seu fabrico inexcêdível. E para que se não julgasse que estas asserções seriam exageradas, a Sociedade Electro-Constructora aproveitou o ensejo da Feira do Porto e na sua propria instalação fez as mais concludentes experiencias sobre a resistencia das suas lampadas S. E. C. L. Para se avaliar o resultado destes ensaios não resistimos á tentação de transcrever os seguintes documentos que, pela cateoria das pessoas que o suscrevem, não deixam a menor duvida ao mais incredulo ou exigente. E a esses ensaios assistiu tudo quanto marca na vida industrial e tecnica do norte do paiz directores da Associação Industrial, comerciantes, industriaes, engenheiros, etc.

Tendo procedido a varios ensaios de intensidade luminosa e consumo especifico das lampadas fabricadas pela Sociedade Electro-Constructora, com grande prazer verifiquei que ellas são identicas ás



melhores e mais afamadas marcas estrangeiras.

2.ª Feira do Porto, 5 de Julho de 1923.

(a) L. Couto dos Santos

Confirmo os resultados por ter assistido

(a) Ezequiel de Campos

Tenho tido occasião de empregar algumas lampadas fabricadas pela Sociedade Electro-Constructora, Nas officinas da Empresa Electro-Ceramica de Villa Nova de Guaya tenho dez lampadas de 50 b. que já teem uma duracao luminosa de cerca de 800 horas e continuam em serviço apezar de importantes inconcistencias de tenção e estarem dispostas num local onde existe bastante vibração. Ainda não tinha feito experiencias de intensidade luminosa nem de consumo.

Os resultados das experiencias de intensidade e consumo especifico, tendo verificado para a lampada que se experimentou um consumo de 0,88 w/h e intensidade de 60 b. valor horizontal da intensidade luminosa, são a demonstração de que as lampadas

de fabricação na ion l se compararam ás melhores lampadas de fabricação estrangeira.

2.ª Feira do Porto, 5 de Julho de 1923.

(a) A. Ferreira do Amaral A. M. I. E. E.

Assisti aos ensaios de consumo de energia e de intensidade luminosa das lampadas electricas expostas no II.ª Feira do Porto no stand da Sociedade Electro-Constructora. Limit., desses ensaios se conclue que as lampadas portuguezas não diferem das lampadas importadas, que foram submetidas ás mesmas provas.

Este resultado motiva o caloroso aplauso que aqui consigno á iniciativa dos fabricantes nacionaes que empreenheram o aparecimento daquellas lampadas Seel.

Palacio de Cristal Portuense, 5 de Julho de 1923.

(a) Francisco Xavier Esteves, engenheiro.

Um exito completo, o da Electro-Constructora, na Feira do Porto. Um futuro mais que garantido, justificado premio de uma iniciativa intelligente orientada. Com uma produção que atinge hoje 3.000 lampadas diarias.

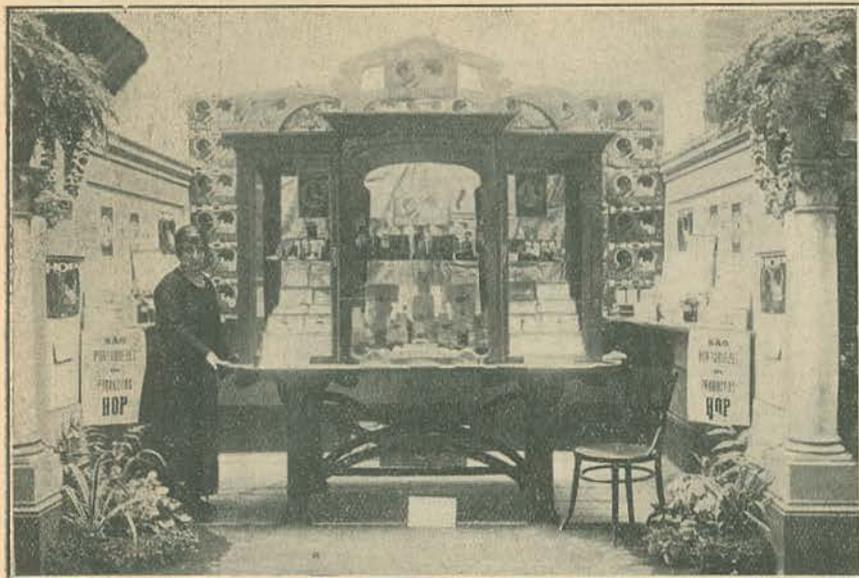
No entanto a Electro-Constructora, ainda não satisfeita com tão brilhante resultado, já pensa em ampliar brevemente esses maquinismos disposta a offerir uma produção que sirva por completo as necessidades do paiz e ao mesmo tempo conquiste o mercado do Brazil, que é um colosso no respeitante ao consumo de lampadas electricas.

A Electro-Constructora tem a sua sede no Porto, na rua de Francos, 445.

OS PRODUCTOS "HOP"

Foi gente ha em Portugal que não conheça os productos «HOP», industria genuinamente portugueza a rivalisar com os seus congeneres do estrangeiro.

Tambem os productos HOP foram á Feira do Porto, instalando-se num interessante stand o n.º186, onde conseguiram brilhar pela sua excelente apresentação.



Em vitrines artisticamente dispostas, patenteava-se uma sortida e variada colleção de pastas dentrificas, elixires e pós, extractos, loções, agua de colonia, brilhantinas, crèmes, rouges, pós de arroz, pós de talco e, em fim, todas as especialidades desta industria.

Os productos «HOP» impuzeram-se desde a sua aparição no mercado e vão conquistando terreno dia a dia mercê das suas excellentes qualidades. Honram a Industria Nacional os productos HOP e a recente Feira do Porto velu confirmarm a justiça da sua boa cotação no mercado.

A sede da fabrica HOP encont a-se em Lisboa, na Rua do Arco, a Alcantara 26-28 e tem o seu representante no Porto o sr. Emílio Correia, á Rua Sá da Bandeira, 229-1.º.

Fabrica de maquinas e ferramentas de Bruno Janz & Petracchi, L.^{DA}

De entre todas as instalações de industria metalurgica e que eram muitas, uma delas se destacava pela elegante disposição dos seus productos e, sobretudo, viziam-no os tecnicos e os entendidos, pela excelencia da sua execução. Era o stand n.º 3, pertencente á firma Bruno Janz & Petracchi, Limit.ª, de Lisboa.

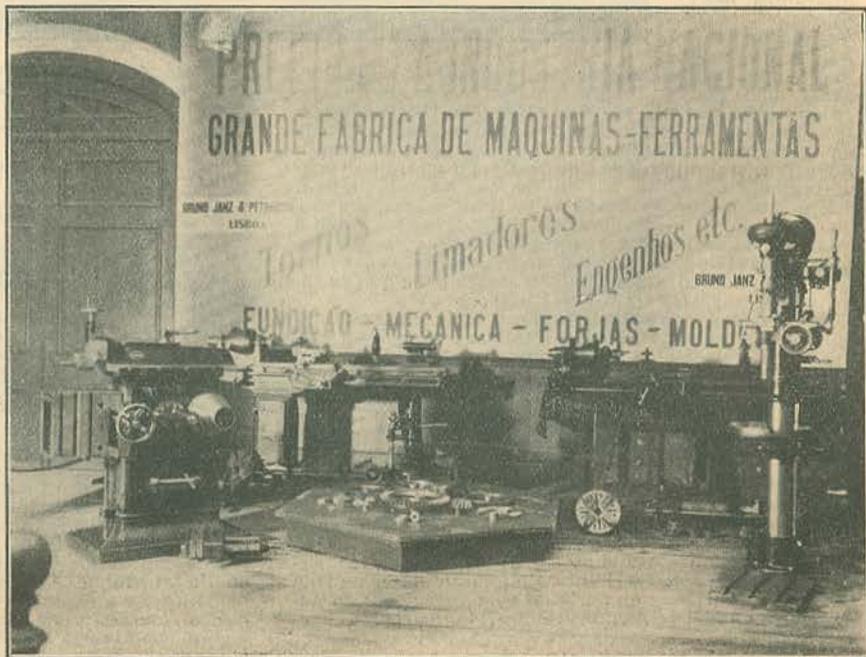
Esta casa, que hoje todo o Paiz conhece, apresentou no seu stand da Feira do Porto magnificos exemplares da sua fabricação, maquinas ferramentas, como tornos, limadores, engenhos de furar engena-gens de todas as especies, etc., etc.

Na Industria metalurgica tem a firma Bruno Janz & Petracchi, Limit.ª affirmado bem solidamente os seus creditos, e são inumeras as fabricas que em Portugal tem substituido os seus productos pelos seus simil-res estrangeiros, com manifesta vantagem.

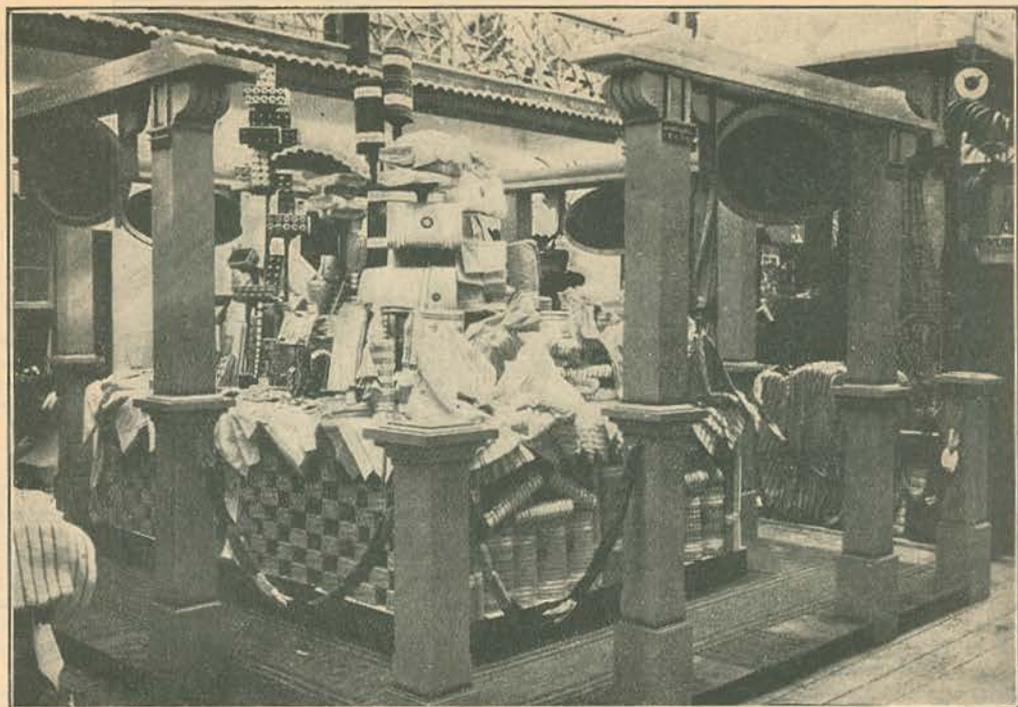
Realmente na sua especialidade a fabrica portugueza que em Lisboa, no Caminho do Forno do Tijolo, 77, tem a sua sede, encontra-se apta a todo e qualquer fornecimento na sua especialidade.

O stand desta firma na Feira do Porto foi visitado por numerosissimas pessoas a quem a sua fabricação fnteressa. E a opinião unani-

me, por nós proprios ouvida, era que os aparelhos, maquinas, e engenhos expostos nada ficavam a invejar, tanto em material empregado como em esmero de fabricação, ao que de melhor se fabrica lá fóra.



FABRICA DA AREOSA



O «stand» da Fabrica da Areosa na Feira do Porto

Uma das mais concludentes manifestações de quanto podem a iniciativa e o trabalho nacional vamos encontrar na Fabrica da Areosa que, com a Empresa Fabril do Norte L.^{da}, instalou na Feira do Porto o seu «Stand» que foi uma verdadeira revelação. A industria portugueza pode e deve orgulhar-se de poder apresentar no mercado artigos como os que são produzidos nesta fabrica.

Os productos expostos, representando um grande esforço que vae até ao sacrificio, rivalizam com o que de melhor se faz nos estabelecimentos congêneres do estrangeiro.

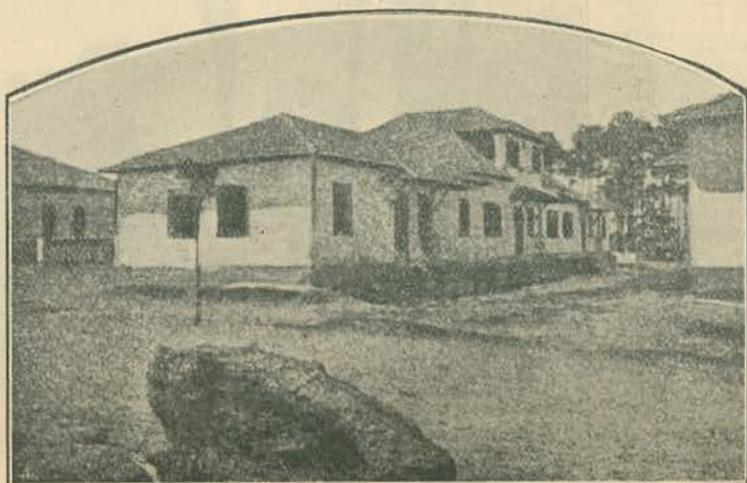
A industria de fição de tecidos de algodão, os seus carrinhos de linha e todos os demais artigos de especialidade, produzidos pelos maquinismos mais perfeitos hoje existentes, constituem já uma fonte de riqueza apreciavel, pois permite ao mercado nacional prescindir de importações do estran-

geiro, que tão gravemente pesam sempre na economia nacional.

A fabrica Areosa constitue, como estabelecimento fabril, um dos mais importantes centros do Paiz com as suas vastas oficinas alegres e higienicas e se aos seus proprietarios muito tem interessado o progresso das suas fabricas, não descuram os seus operarios que desfrutam ali regalias especiaes que não são muito frequentes.

Assim os dirigentes da Fabrica Areosa, concorrendo o melhor possivel para a situação do operariado, fez construir um bairro de casas, cujo conforto nada deixa a desejar. Operarios

e patrões irmanam-se no desejo das maiores prosperidades da Empresa a que todos dão o melhor do seu esforço, da sua inteligencia e graças ao seu admiravel conjunto de forças a industria nacional pode hoje apresentar como um frisanse exemplo de inteligencia, iniciativa e actividade a Fabrica de Areosa.

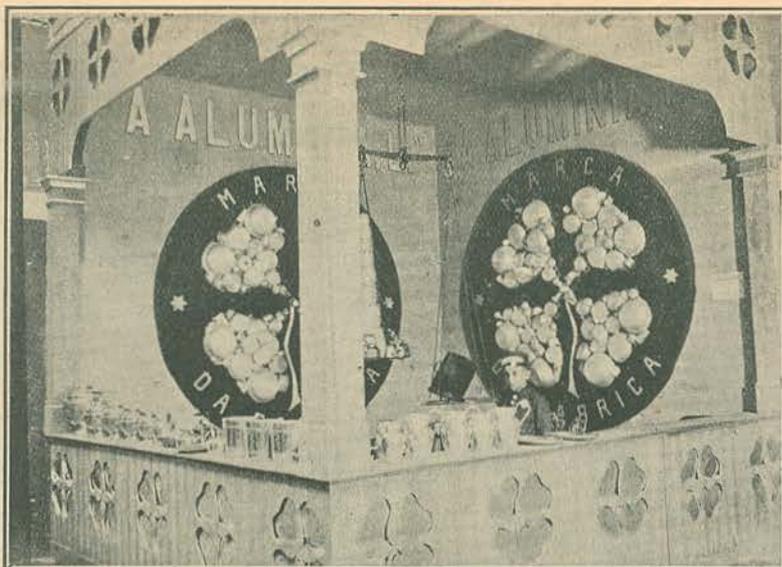


O bairro operario da fabrica

A ALUMINIA L. DA

A todos os títulos curioso e interessante o stand 5 logo á entrada da grande nave, na sua ala esquerda. Em duas enormes panoplias, suspensas das paredes, uma enorme variedade de artigos de alumínio, de utilíssima aplicação, formando com a sua disposição as classicas folhas de trevo, marca conhecida da fabrica.

A sua louça de aluminio não estala como a esmaltada, não enferruja como a de ferro, não provoca verdez como a de cobre, não é venenosa, limpa facilmente, resiste aos acidos dos alimentos e, ainda, economisa combustível.



A Alumina L. da, que fabrica todos os objectos da sua especialidade, não teme a concorrência do estrangeiro por isso que o material empregado é ainda superior ao deste e o seu fabrico inexcusável. Muito curioso e interessante o stand 5, como uma ma-

nifestação bem concludente do valor da industria nacional, que a exposição do Rio de Janeiro vem de premiar com um Grand-Prix.

A Alumina Lda, tem a sua sede no Porto, ao Lardelo do Ouro, Rua da Pastelaria 216 e é seu representante o sr. Francisco A. Fernandes, Rua do Almada, 140-1.º, Porto e Rua Augusta 188-3.º, Lisboa.



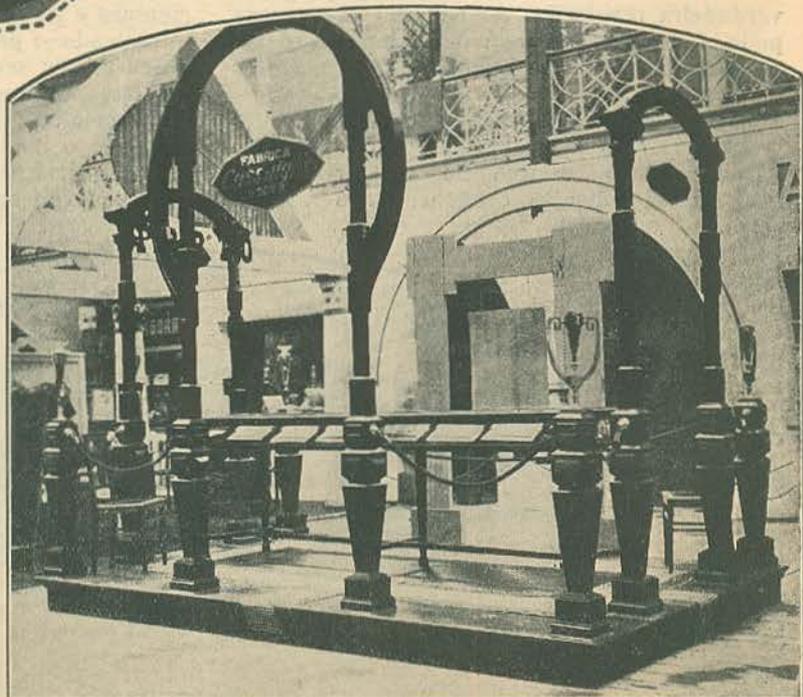
Chegamos á altura dos stands 105 e 107. All se encontram as instalações da Fabrica de Botões de Cassaigne & C.ª Lda. Em esplendidas vitrines, luxuosas mesmo, vê-se um complet mostruario de botões das mais variadas formas, das mais variegadas cores. As poucas fabricas de botões existentes o Palz encontram-se no Norte e entre todas ellas se destaca a Fabrica Cassaigne, cujos productos vão a todos os pontos de Portugal, onde firmaram em bases solidas a sua reputação.

Não ha muito tempo ainda que os botões, especialmente os de carozo, eram importados do estrangeiro e hoje os que se encontram á venda pelo Palz fóra, os mais bonitos, os mais interessantes, pertencem já á industria Nacional.

Os processos da fabrica, os mais aperfeiçoados, são os que usa a Fabrica Cassaigne e por isso os seus botões são os mais perfectos que se conhecem.

Est nos certos que muitos dos botões, dos mais caprihosos formatos e variegadas cores que muitos estabelecimentos venderão como artefactos estrangeiros, foram executados nesta fabrica.

As instalações da Fabrica Cassaigne merecem muito justificadamente as atenções da Feira do Porto, e por muita pena da que se faça a esta fabrica toda ella é mais que justificada pelo cuidadoso esmero com que o seus proprietarios se tem dedicado a fabricação dos seus productos.



A fabrica a que vimos de nos referir está instalada na Avenida de França, 56, Porto, telef. 581 e endereço telegrafico Cassão.

COMPANHIA COMERCIAL E INDUSTRIAL PORTUGUESA

FABRICAS

DE



Agencia

Rua Passos Manuel, 156-162

ESCRITORIO

PORTO

R. 24 de Julho 126

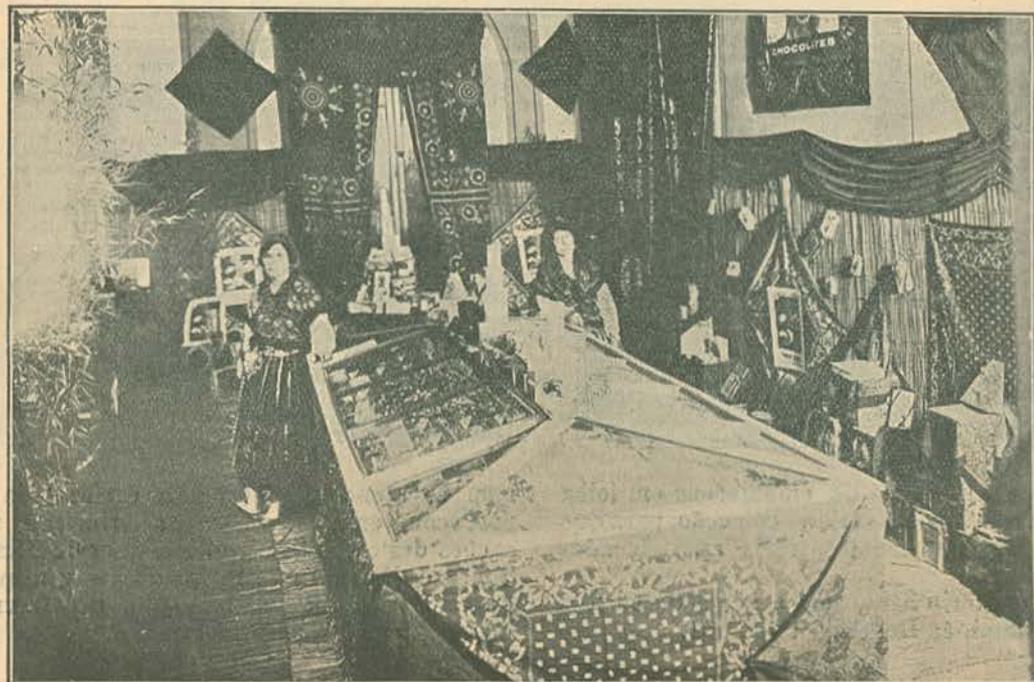
LISBOA

do Porto para mais uma vez impôr os seus apreciados productos que conquistaram, em breve espaço de tempo, o mercado nacional.

Não ha realmente quem não conheça hoje os celebrados «bons» da «Suissa» por os ter já saboreado, nem quem ignore a excellencia da qualidade das bolachas da Pampulha. Por isso mesmo os chocolates e «bons» da Fabrica Suissa e as bolachas e biscoitos da Pampulha são sempre os preferidos.

Ao fundo da galeria uma instalação se destacava de entre todas pela sua sumptuosidade. Um dos mais vastos e melhor decorados «stands», pertencente á Companhia Commercial e Industrial Portuguesa, com sede em Lisboa, e que todo o País conhece pela excellencia dos seus productos, os acreditados «bons» da Fabrica Suissa e as bolachas e biscoitos da Pampulha.

Aproveitou a Companhia Commercial e Industrial Portuguesa o ensejo da Feira



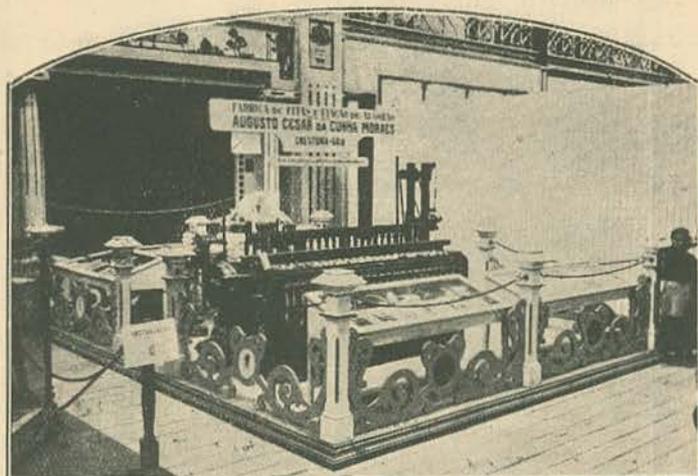
FITAS E FIAÇÃO DE ALGODÃO

Do lado esquerdo da nave central do Palacio, encontravam os visitantes da Feira do Porto uma interessantissima instalação que muito justamente occupava as atenções geraes. Eram os *stands* 58, 60, 110 e 112, onde se via fiando um pequenino tear. Pertencia esta instalação á Fabrica de Fitas e Fiação de Algodão de Crestuma, Vila Nova de Gaia, propriedade do sr. Augusto Cesar da Cunha Moraes, um dos mais activos industriaes do Norte do Paiz.

Uma variedade imensa de artigos de especialidade se expunha ali em publico, produ-

ctos desta fabrica de que muito justamente se pode dizer que honram a industria nacional.

Nastro indiano, fitas sarjadas, cintos de vestidos, fitas de corselet, fitas percianas, mechas, torcidas, fitas vegetaes para embrulho, algodão em fio e retorcido, em cru, branco e de côres, algodão para alinhavar, cordão, atacadores e muitos outros artigos desta especialidade, constituindo o interessantissimo mostruario que a Fabrica de Fitas e Fiação de Algodão expunham no seu *stand* da Feira do Norte.



LABORATORIO SANO

No «stand» 8, instalou-se o Laboratorio Sano, apresentando uma colecção de artigos de uso caseiro como sabões para limpar metaes, moveis, soalhos, pomadas para calçado, insectidas, parasiticidas, etc.

Na secção de farmacia, comprimidos, granulados, productos especializados, pensos, empo-



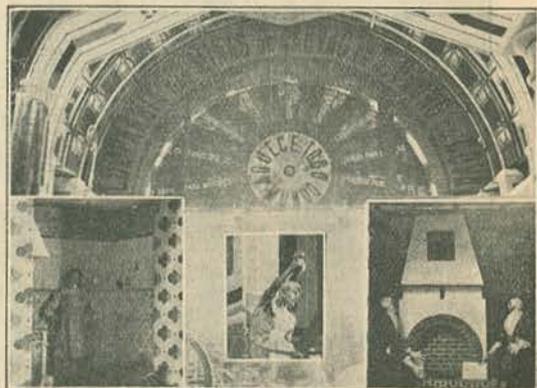
las, etc., e na secção de embalagens em folha de Flandres, a mais variada colecção, para que dispõem as ferramentas, mais aperfeiçoadas do paiz.

O Laboratorio Sano, tem a sua séde na Rua José Mariani, ás Devezas, telef. 851.

S. PEDRO DA COVA

Curiosas e originaes as instalações da conhecida Empreza das Minas de S. Pedro da Cova, curiosissimo reclame aos seus carvões. Aquecem o mundo todo, diziam os enormes «placards» que cobriam as paredes do Sul da nave do Palacio de Cristal.

No «stand» de S. Pedro da Cova, que cha-



mou as atenções geraes pela curiosidade que provocou, encontravam-se as principaes applicações deste combustivel, luz, energia e calôr. Sim, as Minas de S. Pedro da Cova dispõem de carvão para forjas, fundição, carvão crivado, «briquettes», para motores, etc., etc.

SOCIEDADE METALURGICA MOLEIRO

O elegante e magestoso mo-ninho que se vê da gravura que publicamos era o *stand* construido pela Sociedade Metalurgica Moleiro, uma das mais imponentes instalações de toda a feira.

A exposição dos artefactos desta casa constituiu uma verdadeira novidade, não só pela caprichosa disposição de objectos do seu fabrico, como pela sua diversidade. Era uma collecção das mais completas de artigos em todos os metaes e de um acabamento o mais perfeito, de uma apresentação que dignifica a industria portuguesa.

A Sociedade Metalurgica Moleiro, ao passo que se vai assegurando do mercado nacional, expande-se simultaneamente, contando-se hoje, já como bastante interessante, a exportação para os mercados estrangeiros, apesar da concorrência dos

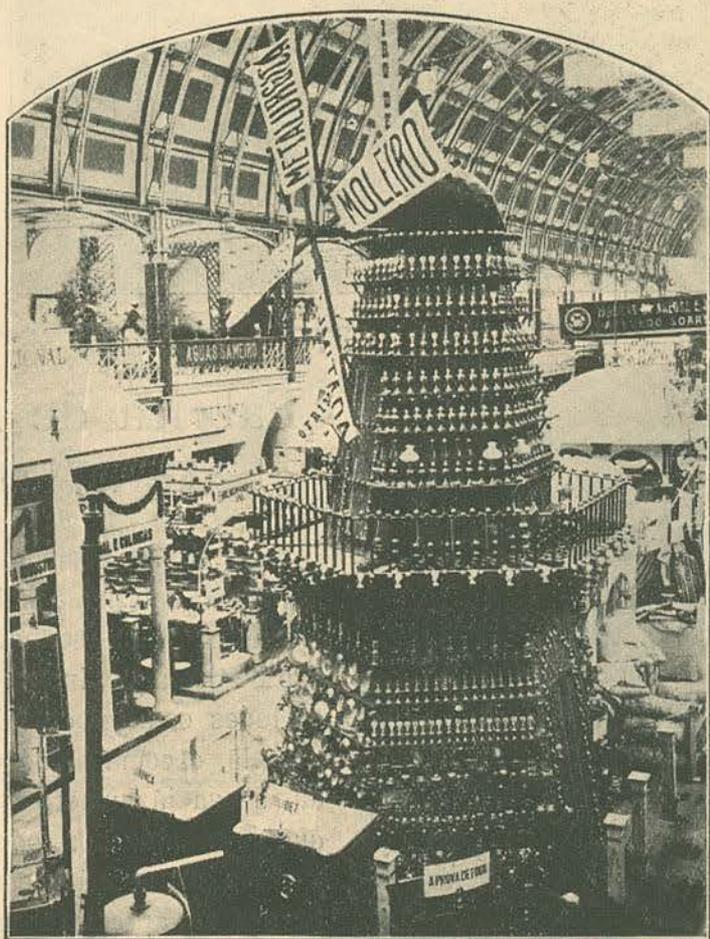
productos similares das varias fabricas da Europa.

A sua especialidade de artigos de iluminação, curiosos sob todos os aspectos, tem-lhe dado especial renome. São os pe-

queninos, quasi microscopicos candieiros, com o seu bocal, a sua chaminé, que mais parecem brinquedos de crianças. Lampadas de todo o genero, mantigueiras, boubonnières, biscoiteiras, artigos de fantasia e utilidades, garnições de metal para todas as applicações, etc., etc.

A fabrica da Socieda-

de Metalurgica Moleiro tem a sua séde no Porto, Avenida da Boa Vista, 786, e é seu representante o sr. Francisco A. Fernandes, Rua do Almada, 140, 1.º, Porto, e Rua Augusta, 188, 5.º, Lisboa.

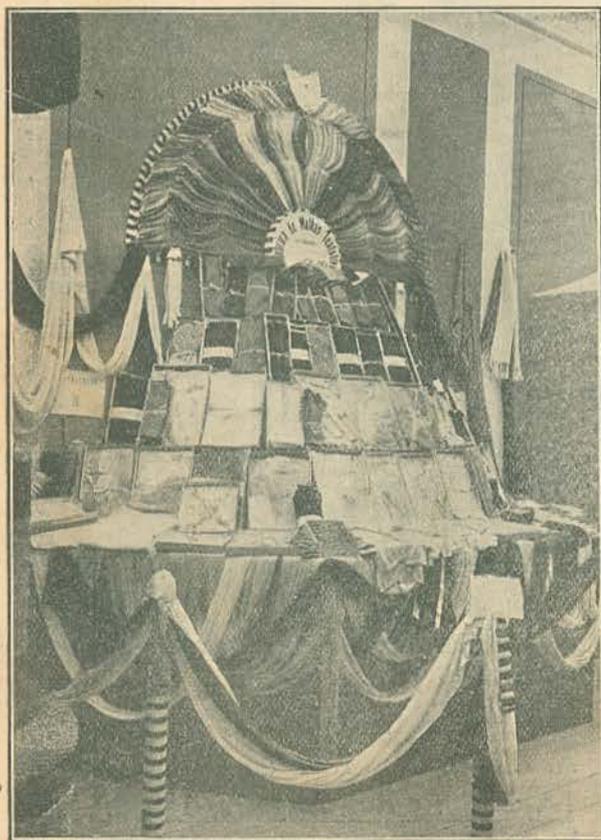
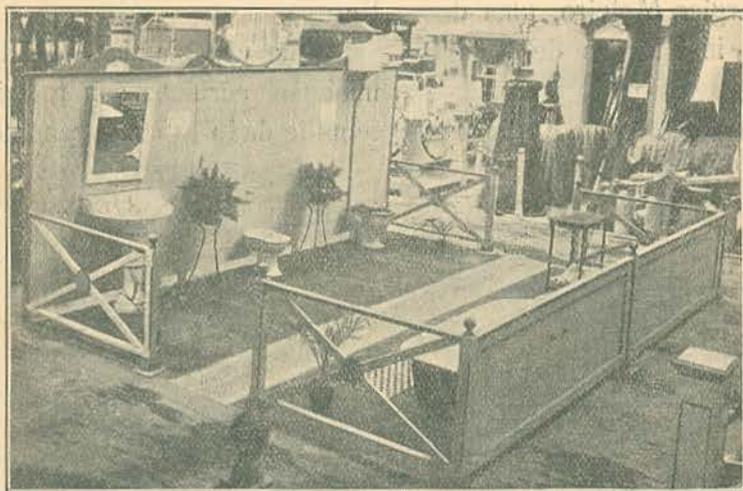


ARGALCITE, L.^{DA}

A Argalcite é um novo producto de que a Sociedade que tomou o seu nome, Argalcite, L.^{da}, obteve patente de invenção.

A Argalcite, L.^{da}, instalou na Feira do Porto o seu *Stand*, expondo ali os productos do seu fabrico, bem merecedores de preferencia do publico, visto tratar-se de uma industria genuina-

mente portugueza. Interessante a colecção exposta de banheiras de todas as dimensões, bancos de cozinha, lavatorios de coluna, lava-pés, etc. A Sociedade Argalcite, L.^{da}, cuja séde é na Rua Faria Guimarães, 1097, Porto, bem avisadamente andou facultando ao exame dos inumeros visitantes da Feira do Porto os productos do seu fabrico.



Fabrica de Malhas «TENTATIVA»

O *stand* 70, pertencia á Fabrica de Malhas «Tentativa», meio industrial do Norte do Paiz, que soube criar uma situação de destaque. Inexcedível no fabrico de todos os artefactos de malha, algodão, lã, escocia algodão e lã, lã e seda, a sua já numerosissima clientela, que se estende por todo o paiz fóra, é a prova evidente que esta fabrica constitue já um apreciavel valor de economia nacional.

Muito composta a exposição de malhas da «Tentativa», na Feira do Porto, justamente apreciada por todos os visitantes do grande certamen.

A fabrica de malhas «Tentativa», tem a sua séde no Porto Fonte Francos.



PAGINA INFANTIL

UMA AVENTURA EXTRAORDINARIA



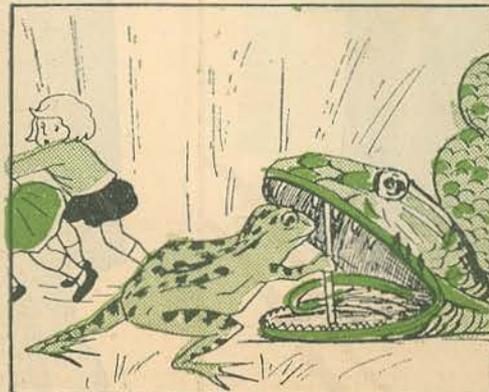
UMA VELHA TARTARUGA LEVA LÁLÁ E LULÚ DE PASSEIO ATÉ A TERRA DOS BICHOS GIGANTES.



E OS DOIS PEQUENITOS LOGO PASMAM AO VEREM UM ORFEON DE RAS.



MAS DE REPENTE APARECE O PEOR GIGANTE DAQUELA TERRA !...



... E SE NÃO FOSSE MAESTRO SANGUE-FRIU ATRAVESSAR A SUA BATUTA NA BOCA DO MONSTRO...



...LÁLÁ E LULÚ NUNCA MAIS VOLTARIAM A CASA DE SEUS PAIS..

Página Elegante

A moda adoptou para ornamentação das *toilettes* os arabescos caprichosos e fantasistas que recobrem actualmente os tecidos.

De facto se atentarmos nos modelos que nos são enviados dos grandes centros onde a rainha Moda Impera, reconheceremos que todos eles se apresentam inteiramente desprovidos de guarnições, frangulhas, refregos, viézes, algumas golas, bertes ou fichús

de organdi ou tute, e a disposição mais ou menos original de lenços de seda, é tudo quanto a moda admite para ornamentação da *toilette*. E todavia as *toilettes* modernas são vistosas, simpáticas, garbadas, como poucas vezes se nos tem apresentado. E que nunca como agora reinou tanta fantasia de desenhos, tanta riqueza e variedade de coloridos nos tecidos, como no momento que passa.



ESFINGIA



Esse meu bom companheiro,
Fulano de tal, Andrade,
Ia á Povoá, p'ra falar,
Com um velho e leigo frade—2

Como este não estivesse
No local onde reside,
Fomos entretanto dar
Uma volta até Carnide

Tres horas depois voltámos
Ao primitivo lugar,
E, em vez de frade, encontramos
Um camponio a rezar...

Sant'Ana

(Dedicada a «Josolicos»

Decifrações das produções publicadas no numero transacto:

Enigmas:—Fentalhador—Camartelo.
Charada em verso: Capacidade.
Enigma pitoresco: O casamento desfaz as ilusões mais caras.
Charadas em frase: Dolorosa—Beladona—Casino
Logogrifo: Honra seja dada a Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

(Ao colega A. S. F. Pam)

Preclarissimo senhor,
E meu presado Sabino,—2
Arranje-me um nome proprio,
Nome proprio feminino.—2

E' só isto o que eu pretendo,
Do meu colega Sabino:
Uma palavra que dê,
Nome proprio feminino.

Sorrab

Um mez sem gosto é o maximo sentimento—1—1.

M. Relvas

Deus prégoz de balde a sua doutrina,
a este homem—2—1.

LusdoMar

ENIGMAS

Tem dez letras o meu todo
E procurando o preceito
Encontra seis consoantes
Sendo abertura o conceito.

Quarta, decima e oitava,
Noná e quinta acrescentando,
Serviço a miludo feito
Quando as cartas 'stão jogando.

Primeira, setima e sexta,
Quarta e segunda a seguir
Oh! que idade tão feliz
Quem m'a dera possuir.

Tercia, segunda e primeira
E segunda a terminar
E' uma coisa tão fria
Que nos faz arrepiar.

Juntando primeira e decima
Com a setima no meio
E' um meio de transporte
Que pode usar sem receio.

O conceito é conhecido
E mui facil de encontrar
Procurando-o com cautela
Numa sala de bilhar.

Sor-Var

CHARADAS EM FRASE

(Ao auctor da charada, cuja decifração é Ultramar)

De manhã o bilhar alegre este charadista—1—2—1.

Caminha Crespo e A. Viana

ENIGMA PITORESCO



Valongo

Duque do Sapal

LOGOGRIFO

(A Luz do Mar. Sobre o mesmo soneto —Amor—de Camões, publicado no n.º 907 da «Ilustração»)

Busque Amor novas artes, novo engenho...—8—13—20—6—7—2—18
Para matar-me, e novas esquivanças:
Que não pode tirar-me as esperanças
Pois mal me tirará o que eu não tenho

Oh!ai de que esperanças me mantenho!
11—5—15—10—3—14—21
Vêde que perigosas seguranças!—11—7—
7—9—16—17—12—11—16
Pois não temo contrastes nem mudanças
Andar em bravo mar, perdido o lenho.
8—11—22—4—5—7—23.

Mas com quanto não pode haver desgosto —12—15—16—17—13—19—5—6—19—5—
—11—8—14—2—5—18.
Onde esperança falta, lá me esconde
Amor um mal, que mata e não se vê
Que dias ha que na alma me tem posto
Um não sei quê, que nasce não sei onde
Vem não sei como; e doe não sei porquê

Monção

M. Gonçalves Ribeiro
(Majogori)

Tem o meu todo oito letras
Todas ellas bem possantes.
Apenas quatro vogaes,
As outras são consoantes.

Primeira, tercia, sexta,
Segunda e oitava a findar,
Dá-nos flor muito bonita,
Tambem bastante vulgar.

A oitava, quarta, quinta,
Sexta, setima e terceira,
Animal de utilidade,
Mas não para brincadeira...

Agora que já está morto
De uma forma radical,
Dou-lhes como recompensa
A planta medicinal.

José do Nascimento

CHARADAS EM VERSO

(Dedicada a «Pinta Scenas» e Dr. Pirlat)

Este caso interessante
Que contar-vos me convem,
Deu-se comigo e mais outro...
Ao sopé de Sacavem.—1

QUADRO DE HONRA

Sant'Ana — Vasco Laço — C.
Illel — Club do Illel — Rei
Naldo — Sor — Var — Adira-
ram — T. Ferreira — Pato
— Violeta — Serrot — Principe
nte — N. N. — Claro e More-
no — Pinta scenas — Do 16 —
Dr. Saloto

Campeões decifradores do penultimo numero

Indicações uteis

No proximo sabado sairão publicadas na *Ilustração Portuguesa* as decifrações das produções insertas neste numero.

— Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser enviada ao *Seculo* e endereçada a José Pedro do Carmo.

— Ao director d'esta secção assiste o direito de não publicar produções que julgue imperfeitas.

— Só é conferido o Quadro de Honra a quem envie todas as decifrações exatas, que deverão ser entregues até cinco dias após a saída d'este numero, ás 16 horas, na sucursal do Rocio.

— Todas as produções devem vir escritas em separado e os enigmas pitorescos bem desenhados em papel liso e tincta da China.

— Os originaes, quer sejam ou não publicados, não se restituem.